

UMA SOCIOLOGIA DA VERDADEIRA FELICIDADE \* A ADMIRAÇÃO COMO VALOR SOCIAL ESQUECIDO  
\* O "FABULOSO" \* A SEDE DE ALMAS \* A CONVERSA \* A CORTESIA \* A AMIZADE \* A MÚSICA DAS ALMAS

# À procura de almas com alma



Excertos do pensamento de  
*Plinio Corrêa de Oliveira*  
recolhidos por Leo Daniele

*Karl von Piloty*  
A futura imperatriz  
Elisabeth (Sissi)



*Antonie Van Dick*  
Menino com cachorro  
(detalhe)



*À procura de  
almas  
com alma*

*Seleção, apresentação e notas:*

Leo Daniele

*Revisão:*

Francisco Leoncio Cerqueira

Helio Dias Viana

Edições Brasil de Amanhã

Rua Javaés 681 - CEP 01130-010

São Paulo - SP

Fone (011) 220-4522 FAX (011) 220-5631

*Impressão:*

Artpress Indústria Gráfica e Editora Ltda.

Rua Javaés 681 - CEP 01130-010

São Paulo - SP

Fone (011) 220-4522 FAX (011) 220-5631

© 1998 - Todos os direitos reservados.

*À procura de  
almas  
com alma*

*Excertos do pensamento de*  
**Plínio Corrêa de Oliveira**  
*recolhidos por Leo Daniele*  
SEGUNDA SÉRIE

*Edições Brasil de Amanhã*

São Paulo, 1998

# Coleção

## "Canticum Novum"

Excertos do pensamento de  
**Plínio Corrêa de Oliveira**

*Recedant vetera, nova sint omnia\**

*Publicados:*

**O Universo é uma Catedral**

*Finalmente  
uma visão maravilhosa, nobre e  
catolicíssima da ordem do Universo*

**À procura de almas com alma**

*A admiração como valor social  
esquecido — A música das almas*

*No prelo:*

**Lutar é viver — A cavalaria não morre**

*Numa época de anti-heróis, a beleza,  
a nobreza, a urgência do heroísmo*

*Em preparação :*

\* **A Fantasia é irmã da Harmonia**

\* **O que a vida ensina à História**

---

\* Retroceda o velho ranço. Que todas as coisas sejam novas!  
(Cântico "Sacrum Solemnis"). — Os títulos dos livros em  
preparação são provisórios.

## Ao Leitor

"**E**stou sozinho dentro de uma multidão". É assim que muitos têm resumido seu próprio drama, ao se sentirem devorados pelas estridências do mundo moderno, em particular nas grandes cidades.

*As relações humanas foram dulçurosas e sentimentais no século passado. Depois, tornaram-se metálicas e secas, pois o egoísmo-a-dois do sentimentalismo foi substituído por um feroz egoísmo-individualista que se resume em dois itens: utilidades e sensualidade. E nisto estamos.*

*Em conseqüência, há cada vez menos pessoas na face da Terra capazes de entender, por exemplo, a obra-prima da Criação que é um simples olhar humano. E outros elementos que dignificam o convívio, como uma amizade elevada e uma conversa distinta e entretida.*



*Este estado de coisas era profundamente deplorado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Incomparável mestre da boa conversa, ele*

*via nas relações humanas uma espécie de música, na qual cada pessoa entra com seu tonus, seu timbre e suas melodias.*

*Como dizia o ilustre líder católico, “por mais bonita que seja a natureza, todas as suas belezas são menos belas que a alma humana”.*

*Da mútua admiração deve brotar o respeito, e de ambos, um teor de relações verdadeiramente harmônico e cristão.*

*Ao mesmo tempo, o senso da realidade deve levar à análise meticulosa da maldade humana, pois quem ama, detesta, e é impossível admirar verdadeiramente, sem abominar o contrário do que se admira.*



*Esta interessante concepção das coisas é a que o Leitor encontrará em todas as páginas da presente obra, parte integrante da coleção “Canticum Novum”.*

*A figura legendária que foi a de Plínio Corrêa de Oliveira, pensador com obras traduzidas para as principais línguas do planeta, homem de ação com irradiação nos cinco continentes, mostra neste livro seus dotes de psicólogo penetrante.*

*Ele, que tantas vezes, através de uma simples fotografia, adivinhava os meandros da alma de alguém, neste livro comenta para os leitores o semblante enrugado mas expressivo de uma velha, o sorriso anônimo mas representativo de uma criança, e assim por diante.*

*Como fecho, foram selecionados textos em que enuncia ele uma teoria palpitante de vida e de verdade sobre o convívio e a sociedade humana: é a música das almas.*



*Cumprе advertir que a palavra almas, que figura no título da obra e é muito encontradiça em toda sua extensão, não deve levar a pensar que se está diante de um livro de pensamentos exclusiva ou principalmente de teor espiritual ou moral. A tônica principal do livro é dada por seu aspecto simbólico. Ou seja, os homens são analisados em sua possibilidade de simbolizar realidades mais altas, individualmente ou em conjuntos. O que ficará mais claro ao longo da leitura.*

*Leitores de "O Universo é uma Catedral", em número expressivo, viram na*

*maneira com que neste livro foram selecionados e apresentados os pensamentos do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira certo flou, ao modo do estilo impressionista de pintura, no qual uma imprecisão propositada convida o observador a que entre com sua parte e complete a criação artística.*

*Há sem dúvida algo de verdadeiro nessa apreciação.*

*Embora o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira tenha escrito tratados como por exemplo “Revolução e Contra-Revolução” e “Reforma Agrária — Questão de Consciência”, mercedamente célebres por seu estilo solidamente travado, por sua penetração e sua lógica de ferro, não nos parece que ele consideraria o qualificativo de impressionista como depreciativo para sua maneira de conversar, arte na qual era mestre e da qual nos dá preciosas achegas neste volume. Pois mesmo quando escrevia livros ou artigos, o Prof. Plínio conversava. E neste livro procuramos, sempre que possível, fazê-lo conversar com quem lê.*

*Por isso, se o leitor, agradavelmente envolvido nessa boa prosa, em vez de ler o livro como em ordem de batalha, se puser a flunar ao sabor das cintilações que de cá e de lá reluzem, não serão os organizadores que lhe atirarão a primeira pedra.*

*O próximo volume desta coleção “Canticum Novum” vai abordar o tema da luta. Fica no presente livro assentado um indispensável pressuposto para a verdadeira combatividade, que é o espírito de apostolado, pois o verdadeiro espírito de luta nasce do amor.*

*Dedicamos este despretenso trabalho a Nossa Senhora, “alma com alma” por excelência e mãe especialmente afetuosa de todas as almas sedentas de admirar, augurando que, com Sua elevada proteção, nada possam contra os livros desta coleção as tristemente célebres “patrulhas ideológicas”, nem seus inteligentes e eficientes sucedâneos, as patrulhas anti-ideológicas, geralmente a serviço de ideologias que não ousam dizer seu nome, e que assolam e monopolizam o mundo globalizado de hoje em dia.*



Algumas repercussões de  
“O Universo é uma Catedral”,  
primeiro volume desta coleção

*Dom José da Silva Chaves*

Bispo Diocesano de Uruaçu - GO

... o livro O Universo é uma Catedral — *excertos do pensamento do grande escritor e pensador Plínio Corrêa de Oliveira.*

\* \* \*

*Dom José Palmeiro Mendes O.S.B.*

Abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

... o livro O Universo é uma Catedral, *tão rico de conteúdo e belo graficamente.*

\* \* \*

*Ministro Luiz Octávio Gallotti*

Supremo Tribunal Federal

... *preciosos excertos do pensamento do saudoso Professor Plínio Corrêa de Oliveira ... jóias do pensamento de mestre Plínio Corrêa de Oliveira, que tão bem soube recolher e encastoar.*

*João de Scantimburgo*

Da Academia Brasileira de Letras

*Justa homenagem a um católico energicamente combativo, corajoso, sem temor de assumir atitudes e confessar suas convicções.*

*No período conturbado da Guerra Fria, ele liderava com indobrável decisão o combate à praga comunista. Católico de comunhão diária, projetou-se no estrangeiro, onde foi guia de milhares de adeptos de suas diretrizes doutrinárias.*

\* \* \*

*Adolpho Lindenberg*

Arquiteto

*Acabo de ler deliciado, pela segunda vez, seu livro. Lê-lo é deixar que sua luz [da vida e da obra do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira] inunde nossas almas, nossa imaginação, nossas lembranças ameaçadas de se esvaír pelo correr do tempo.*

*... essa formidável tarefa que o sr. assumiu.*

*Roberto De Mattei*

Diretor do Centro Culturale Lepanto e Catedrático de História Moderna na Faculdade de Letras da Universidade de Cassino (Itália)

*A escolha das passagens de Dr. Plínio, muitas das quais não conhecia, pareceu-me excelente. Elas abrem uma série de horizontes inesperados, que delineiam uma ordem harmônica e proporcional, muito felizmente definida com uma "catedral".*

*O próprio livro está construído, no desenvolvimento harmônico das suas partes, como uma pequena "catedral" que bem reflete a catedral do universo tão sapiencialmente interpretada pelo Dr. Plínio.*

*Considero muito importante e oportuna a publicação de sua obra, porque, face ao caos que nos envolve, é necessário indicar ao homem contemporâneo, como única via de salvação, a verdade, a bondade e a beleza da ordem divina.*

*A Contra-Revolução\* é a restauração da ordem: a única ordem possível*

---

\* As palavras com asterisco são explicadas no Glossário, ao final deste volume (p. 283).

*entre os homens, que consiste em restituir a cada coisa seu significado. O significado das coisas está expresso pelos símbolos que, como ensina o Dr. Plínio, em uníssono com os mestres medievais, não são outra coisa que a expressão visível da ordem do real, ou seja aquela realidade invisível objetiva, da qual as coisas visíveis não são senão o reflexo.*

\* \* \*

*Nelson Ribeiro Fragelli*

Engenheiro

*O livro, através de implicitudes, revela vastidões do espírito de seu Autor. Nas doçuras de seu pulchrum\* fulgura imensa seriedade. Mas ele pede um amor — e um esforço — para chegar a essas vastidões. As implicitudes são conceitos, conhecimentos sublimes, encerrados nas frases — e estas, “buracos na pedra*

---

\* V. Glossário, no final deste volume (p. 283).

*que nos fazem ver Deus". Acrescentaria apenas : elas nos fazem ver Deus através da alma do Autor. Ele pôs na catedral do Universo essas frases-vitrais.*

. . .

*Waldemar Alvaro Pinheiro*

Advogado em São Paulo

*... bela capa ... primorosa impressão ... magnífica apresentação.*

---

\* Há aqui alusão a uma frase contida em "O Universo é uma Catedral", a respeito dos vitrais. Dizia o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira: "O vitral é feito para dar ao homem como que a ilusão de que ele abriu um buraco na pedra e está vendo Deus" (p. 59).

## Advertência

Se o Prof. Plinio Corrêa de Oliveira estivesse entre nós, com certeza ordenaria que se colocasse explícita menção a sua enlevada disposição de retificar qualquer discrepância em relação ao Magistério da Igreja. É o que fazemos aqui constar com suas próprias palavras, como homenagem a tão belo e constante estado de espírito do Autor dos pensamentos contidos neste livro, cuja ilibada ortodoxia, aliás, nunca foi contestada por quem quer que seja:

*"Católico apostólico romano, o autor deste texto se submete com filial ardor ao ensinamento tradicional da Santa Igreja. Se, no entanto, por lapso, algo nele ocorra que não esteja conforme àquele ensinamento, desde já e categoricamente o rejeita".*

# Índice

- 21 *Introdução -  
Analisando as almas*
- 28 *No campo*
- 56 *Na cidade*
- 90 *Nos porões*
- 102 *Nos salões*
- 118 *Nos palácios*
- 150 *No mirante*
- 190 *A "música" das almas*
- 272 *Epílogo: olhares ...*
- 283 *Glossário*





Velha num barco,  
em Veneza  
*Foto Fulvio Roiter*



*Giacomo Ceruti*  
Velho com pá

# Introdução



## *Introdução*

# Analizando as almas

*D*o alto da Cruz, Nosso Senhor disse: “Sitio” — Tenho sede<sup>1</sup>. Ele tinha sede. E todos os intérpretes concordam em que essa sede não era apenas física, causada pela efusão abundante de sangue, mas sobretudo a sede das almas, que Ele tinha.

*Ouvimos também falar de sede em outras passagens do Evangelho. Noutra ocasião Nosso Senhor fala daqueles que têm fome e sede de justiça. Foi quando enumerou as bem-aventuranças: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados”<sup>2</sup>.*

*Podemos dizer, também, que a alma tem sede de Nosso Senhor, como no Salmo: “Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas, assim minha alma suspira por ti, ó Deus”<sup>3</sup>. É até freqüente, em símbolos eucarísticos, vermos dois cervos se dessedentando numa fonte. Essa sede é, evidentemente, a que a alma tem de Deus.*

*Há três espécies de sede: a que Deus tem das almas; a que temos de Deus; e a que devemos ter, uns das almas dos outros.*

*Todas as três sedes têm de comum que são apetências, atrações puramente espirituais, de alma para alma, em que o corpo não interfere; é a alma que deseja uma outra alma.*

*Naturalmente, uma sede inexprimível da parte de Deus, que não precisa de ninguém, que é perfeito, que Se basta a Si próprio, e que quer condescender em ter sede de nós; uma sede muito menor — mas nos Santos ardentís-*

*sima — dos homens para com Deus; e uma sede que o apóstolo tem das almas junto às quais vai fazer apostolado*<sup>4</sup>.



*E*u gostava de observar alguns mendigos que havia na Rua Martim Francisco<sup>5</sup>, porque, apesar de serem extremamente miseráveis, percebia no fundo dos olhos deles uma centelha.

*E essa centelha da alma humana no fundo do lodo e da sujeira, continha um particular elemento de realce.*

*Se é verdade que o Universo inteiro foi criado para que o homem o conhecesse e, através dele, subisse a Deus<sup>6</sup>, a obra-prima do Universo sensível que temos diante de nós é o homem.*

O HOMEM CONTEMPORÂNEO  
NÃO SABE COMPREENDER A BELEZA  
DE UMA ALMA, NÃO SABE ENTENDER  
QUÃO BELA É QUALQUER ALMA,  
A ALMA DO ÚLTIMO MALTRAPILHO  
QUE SE ENCONTRA BÊBADO  
NA RUA.

*Em toda alma humana essa centelha existe, e toda alma, qualquer que seja — desfigurada pelo pecado original, pelos pecados atuais — , tem pelo menos uma beleza potencial, que deveríamos saber entender.*

*Enquanto se ficar em considerações a respeito de graminha, de florzinha, ou de uma queda d'água majestosa, ou dos pinheiros do Báltico, estaremos num nível baixo.*

*Por mais altas que sejam as considerações a que tudo isso se presta, qualquer alma humana vale ainda mais.*

*Quem não é capaz de perceber a beleza espiritual que existe por cima da beleza material, nada compreendeu do Universo.*

*Jacob Jordaens  
Jovem caçador*



É PRECISO  
CONHECER O VALOR  
DE CADA ALMA PARA  
TER A NOÇÃO EXATA  
DO VALOR DO  
UNIVERSO?

## Notas à Introdução

1. Jo. XIX, 28.
2. Mt. V, 6.
3. Ps. XLI, 2.
4. Apostolado é a ação pela qual um católico procura fazer bem a outra pessoa, aconselhando-a ou ajudando-a na prática da virtude.
5. No bairro de Santa Cecília, São Paulo.
6. Esta é tese central do livro "O Universo é uma Catedral", o primeiro desta coleção "Canticum Novum" com pensamentos e frases de Plínio Corrêa de Oliveira (Artpress, São Paulo, 1997).
7. O texto desta Introdução foi integralmente extraído das conferências intituladas "A sede de almas", proferidas pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em 1972, e publicadas na "Circular aos Sócios e Militantes", ano VII, números 5/6, de 13 de maio de 1972.

# I No campo





## Existe uma altivez popular?

*O estado de plebeu pode e deve estadear-se tranqüila e dignamente à luz do sol, e o plebeu pode e deve viver com fartura, com despreocupa-ção — com nobreza diríamos —, em*

*seu estado, sem sentir a necessidade de se camuflar como burguês.*

**Lucraria este homem em despojar-se de seu chapelão magnífico, besuntar de cosméticos a cabeça, trocar sua roupa por uma fatiota estilo burguês, comprada feita e a prestações? Deixar as vastidões do Pará por uma esquina e um botequim, e perder-se, enfeitado, perfumado, adelgado, na multidão operária “burguesiforme” de alguma grande cidade?**

*Em inteira consonância com o que dizemos, está o admirável tipo contemporâneo de vaqueiro paraense da foto: uma obra-prima de força, saúde, equilíbrio temperamental.*

*Habitado  
ao ar livre e  
puro, ao  
exercício  
tonificante,  
à mesa  
sóbria mas  
farta, ao  
repouso  
largo mas  
autêntico  
do campo,*



*ele domina os espaços e os  
incontáveis rebanhos, com sua agili-  
dade de verdadeiro “técnico”.*

*Daí lhe veio também um desenvolvi-  
mento equilibrado dos nervos e da  
alma, que se reflete no porte varonil e  
elegante, na expressão plácida mas  
vivaz do semblante.*

*Vaqueiro, êle o é em todo o seu ser.  
Mas como possui e exprime a modes-  
ta e esplêndida dignidade que há em  
ser um honesto e operoso vaqueiro  
das vastidões do Pará!*

*A questão social não se resolverá:*

*— enquanto a maior parte da humanidade sentir vergonha da condição de vida que lhe é própria.*

*— enquanto não reflorescer uma arte popular que faça esplender aos olhos de todos a forte, bela, e nobre dignidade do verdadeiro plebeu.*

*— enquanto não se derem ao operário urbano e rural condições de vida materiais que tornem isto possível.*

*Sobretudo enquanto a temperança cristã não expulsar da atmosfera contemporânea o tóxico da Revolução\*.*

*E todas as classes, em lugar de sonharem com uma louca igualdade, não souberem amar-se em Jesus Cristo Nosso Senhor, que quis nascer fidalgo e trabalhador manual, Príncipe da Casa de Davi e filho de carpinteiro, para fazer circular entre elas as correntes de amor da caridade cristã.*

---

\* Como dito, as palavras com asterisco remetem para o glossário, ao final do volume (p. 283).

Ficar no  
deserto?  
Ou ir  
para a  
fábrica?



**E**ste magnífico mouro contemporâneo, do Rif, que enfrenta sobranceiro os ventos do deserto, digno, livre, altivo em sua despreziosa pobreza, ganharia enquanto homem, em se enfurnar em alguma fábrica atual, para viver um luxo falso, enervante e cheio de miséria, da infeliz plebe urbana de nossos dias?



Beleza e dignidade  
de uma vida simples

**É** provável que este vigoroso camponês de Bernau, na Floresta Negra, não saiba grego nem latim, entenda pouco de política, e quase não leia jornais.

*Sua ancianidade robusta, e como que juvenil, indica porém um tipo racial admirável, tendo atrás de si uma larga tradição de gerações inteiras de camponios bem nutridos, vivendo num ambiente calmo, dotados de admirável equilíbrio físico e psíquico.*

*Camponês, estritamente camponês, há neste homem qualquer coisa de régio, um tal ou qual esplendor patriarcal que se reflete não só nas barbas abundantes e alvas, mas no porte ereto, na imperturbável segurança da fisionomia, no olhar resolutivo, de homem habituado a ver longe e firme, e a cobrir extensas áreas com sua autoridade de "paterfamilias".*



*Claro está  
que este  
homem é  
produto de  
todo um  
ambiente.*

ÉLE É PADRÃO DE TODA  
UMA SOCIEDADE, FRUTO  
CHEIO DE VIÇO DE TODA  
UMA ORDEM DE COISAS, NA  
QUAL O ELEMENTO POPULAR  
ENCONTRA, MANTENDO-SE  
POPULAR, AS CONDIÇÕES  
DE VIDA DIGNA E FARTA  
QUE NUMA CIVILIZAÇÃO  
CATÓLICA LHE DEVEM TOCAR.



*Caipira cortando fumo*  
Almeida Jr. (Museu Paulista)



**O caipira,  
um universo**

**H**á, no fundo de nosso caipira, uma inapetência profunda e geral. Não é apenas que ele tenha fastio em relação ao alimento. É um fastio universal.

*Tudo lhe basta. Um nada já lhe sobra. E a sobra o irrita.*

*Basta-lhe a farinha como alimento, num solo onde abundam frutos de toda espécie. Basta-lhe como morada a tapera escura e decadente, quando lhe sobram meios para construir uma habitação fresca, arejada e convidativa.*

*Em matéria de teto, só o simples sapé. Em matéria de paredes, terra amassada. A caiação é um luxo. E, por isto, não o incomoda que sobre a superfície branca das paredes se notem largos trechos escalavrados, em que aparece a cor triste e feia da taipa.*

*Chão? Terra batida basta. Jardim? Um cercadinho avariado por onde passam aves e porcos, feito de material precário e pobre.*

*Neste cercadinho, raros os legumes,  
raríssimas as flores.*

*Por que tudo isto? Porque nosso caipira  
tem preguiça? Sim. Mas ele venceria  
por certo essa preguiça se sentisse o  
imenso mal-estar da vida em que está.*



**O** mais curioso é que essa  
inapetência, se é um defeito em si,  
revela a grandeza de certas qualida-  
des de que é rica a alma caipira.

*Assim, a primeira coisa que impressio-  
na na miséria do caipira é o que pode-  
ríamos chamar talvez a transcenden-  
talidade de seus pensamentos.*

*Não é preciso ser grande psicólogo  
para sentir toda a força de contem-  
plação que há na inércia do caipira.*

**P**erdido em seu vasto e melancólico mundo interior, ele se distrai com suas impressões, idéias, anseios, com tudo quanto há de rico e indefinido em sua alma, como um espírito mais trivial, mais burguês, se distrairia contemplando sua biblioteca, seus móveis ou, melhor ainda, as prateleiras de vinho de seu bar e os álbuns de sua discoteca moderna, rica em sambas, frevos, etc.

INDISCUTIVELMENTE,  
HÁ MAIS POBREZA NA  
TRIVIALIDADE DO BURGUEZ  
DO QUE NA ESPIRITUAL  
INDIGÊNCIA DO CAÍPIRA.

*Mas o homem nem é corpo, nem só alma, e toda a civilização que vive só do corpo, ou só das especulações da alma, por isso mesmo é falha.*

*Outra nota que impressiona no lar caboclo é a largueza.*

*Vivemos em um ambiente em que os maiores plutocratas são agarrados, pequeninos e egoístas como os mais ínfimos burgueses. A avidez e a ganância do proletariado neopagão também é bestial e repugnante.*

*O caboclo, pelo contrário, na sua miséria semi-voluntária, tem a largueza de um grand seigneur. À sua mesa — pobre embora — sempre há lugar. Lugar, primeiramente, para os filhos que Deus manda, e para os filhos dos outros, que o infortúnio deixa na orfandade. Lugar, ainda, para toda espécie de parentela. Lugar, finalmente, para os estranhos de toda marca, em cujo favor a hospitalidade cabocla, sempre desinteressada, sabe multiplicar estranhamente os recursos fornecidos pelos rudimentos de horta e de pomar, em meio dos quais a velha tapera vai lentamente caindo em ruínas.*

*Se se insuflasse nessas qualidades nativas uma formação cristã genuína e vigorosa, que transformasse a meditação rica, mas infecunda, em interioridade disciplinada e produtiva; se se conservasse e se cristianizasse esse magnífico predomínio do espiritual sobre o material, mas se criasse ao lado dele um sentimento de respeito e consideração para com o corpo humano, o “irmão corpo”, diria São Francisco de Assis; se a graça divina, pousando sobre tal natureza favorável, desenvolvesse para Deus todas essas qualidades, o Brasil muito teria a esperar, não só do braço, mas sobretudo da alma cabocla, para a formação de sua nacionalidade<sup>1</sup>.*

É FÁCIL VER QUE ESSA  
ALMA CABOCLA TERIA UM  
GRANDE POTENCIAL SE FOSSE  
ADEQUADAMENTE FORMADA.

## Dois modos de ver a vida do campo



*Seis horas da tarde. A faina diária está terminada. A nobre tranqüilidade da atmosfera envolve a vastidão dos campos, convidando para o repouso e o recolhimento.*





*Jean-François Millet — O Ângelus*  
Museu do Louvre - Paris



*Um crepúsculo  
cor de ouro  
transfigura a  
natureza, fa-  
zendo brilhar  
em todas as  
coisas um refle-  
xo longínquo  
e suave da  
inexprimível  
majestade de  
Deus.*

*Ouve-se o  
tilintar do  
Ângelus, amorte-  
cido pela distân-*

*cia. É a voz cristalina e maternal da  
Igreja, que convida para a oração.*

*Rezam os camponeses. São dois jovens  
cujo físico manifesta saúde, e hábito  
já antigo de trabalho manual.*

*Seus trajes são rústicos. Mas em  
todo o seu ser transparece a pureza,  
a elevação,*

*a natural  
delicadeza  
de almas  
profundamen-  
te cristãs.*

*Sua condição  
social modes-  
ta é como que  
transfigurada  
e iluminada  
por sua pieda-  
de, que incute  
respeito e  
simpatia. Em  
suas almas  
refulgem os  
raios dourados do sol, mas de um sol  
muito mais alto por todos os títulos: a  
graça de Deus.*



VERDADEIRAMENTE, SUA  
BELEZA DE ALMA É O CENTRO DO  
QUADRO, O PONTO MAIS ALTO  
DA EMOÇÃO ESTÉTICA.

**É** linda a natureza, mas ela não serve senão de ambiente para a manifestação da beleza dessas almas remidas pelo Filho de Deus.

*Nada nestes camponeses indica de-sassossego ou mal-estar. Eles são inteiramente conformes a seu meio, à sua profissão, à sua classe.*

*Millet reuniu admiravelmente em sua tela os elementos necessários para que se compreenda a dignidade do trabalho manual na atmosfera plácida e feliz da verdadeira virtude cristã.*

*Dispersos na rotina da existência rural quotidiana, há lampejos genuínos e freqüentes desta fisionomia cristã das almas e das coisas num ambiente verdadeiramente vivificado pela Santa Igreja.*

*Uma crítica psicológica do quadro, para ser exata, deveria deplorar apenas algum excesso de sentimentalismo.*

**P**oder-se-ia fazer o mesmo elogio do quadro de Yves Alix, também inspirado na vida dos campos, “Le Maître des moissons”?



*O autor não percebeu, não sentiu, não aceitou em sua visão do trabalho agrícola nada daquilo por onde ele se torna digno de ser praticado por um filho de Deus.*

*Se os personagens do segundo plano fossem capazes de chorar, suas lágrimas seriam de fel; se fossem capazes de gemer, seus gemidos seriam como o ranger de engrenagens.*

*A tristeza, a maldade, a cacofonia das cores, das formas e das almas se exala pela voz do personagem do primeiro plano. Não se sabe bem o que exclama, se uma ameaça ou uma blasfêmia<sup>2</sup>.*



## Trabalho- diversão e trabalho- heroísmo

**R**osto longo,  
traços finos e  
firmes, olhar penetrante e resoluto,  
segurando, com vigor varonil, um  
grande remo, este pescador basco tem  
uma rude profissão em que sua alma  
se plasmou e dignificou.

*Em todo o sentido da palavra,  
ele é um homem.*

*E um homem que tem a altaneria cava-  
lheiresca de um verdadeiro cristão, de  
um católico autêntico. Toda a sua  
personalidade é marcada pelo esfor-  
ço, pela luta, pelo risco.*

*Vê-se que inúmeras vezes ele enfrentou os furores ou as traições do oceano, e os dominou. E que está inteiramente disposto a uma série incontável de outras empresas audazes.*

*Subjacente à fisionomia deste trabalhador, e ao ambiente que ela traz consigo, está toda uma concepção católica do trabalho e da dor.*

O SOFRIMENTO EXISTE.  
MAS É UM DOM ADMIRÁVEL  
DE DEUS PARA QUE O HOMEM,  
AUXILIADO PELA GRAÇA,  
TEMPERE E ELEVE  
SUA PERSONALIDADE.

*O que seria este pescador, sem as grandes lutas de sua existência? Não são elas a sua genuína e rútila glória?*



## Tranqüili- dade da ordem, excitação na desordem

*Uma às outras sucedem-se harmoniosamente as colinas, até o fim distante em que se fecha o horizonte. Uma atmosfera cheia de frescor e de clari- dades matinais inunda o quadro, e produz a impressão de que as encos- tas dos morros, a relva delicada, a ténue folhagem dos arbustos, destilam suavidade.*

*As ovelhas, esplendidamente integra- das na harmonia do ambiente, apas- centam-se lenta e tranqüilamente, tão satisfeitas e dóceis que, à frente, o cão pastor, digno e “pensativo”, caminha distendido como se estivesse em férias.*

*No centro, o homem, modesto camponês dos Pirineus, nas cercanias de Lourdes.*

*Todas essas singelas magnificências, esplêndidas como a veste do lírio do campo, lhe entram pelos sentidos, lhe afagam o corpo, mas sobretudo lhe falam à alma.*

*O que lhe dizem, ele mesmo provavelmente não o saberá descrever. Mas, levemente meditativo, tranqüilo, ele é aí como um rei para o qual tudo existe.*

É NESSA ALEGRIA TEMPERANTE  
NADA HÁ QUE NÃO LHE FALE  
DA DOÇURA E DA GRANDEZA  
INENARRÁVEIS DE DEUS,  
DO SIGNIFICADO DE SUA  
PRÓPRIA EXISTÊNCIA E DO  
SUBLIME E ETERNO DESTINO  
DE SUA ALMA.



**Q**uantas vezes a vida hodierna se distancia deste ideal!

**M**as os sons típicos das intensas babéis modernas, o ruído das máquinas, o tropel e as vozes dos homens que se afanam em pós do ouro e dos prazeres; que não sabem mais andar, mas correr; que não sabem trabalhar sem se extenuar; que não conseguem dormir sem calmantes nem se divertir sem excitantes; cuja gargalhada é um ricto frenético e triste; que não sabem mais apreciar as harmonias da verdadeira música, mas só cacofonias do jazz; tudo isto é a excitação na desordem, de uma sociedade que só encontrará a verdadeira paz quando tiver reencontrado o verdadeiro Deus.



# NOTAS

1. Escrito em 1945.
2. Os tópicos deste primeiro "panorama" foram extraídos da revista "Catolicismo", números 48, 51, 110, 506, 87, 9 e 48, nesta ordem. Quase todos foram publicados na secção "Ambientes, costumes e civilizações".

II

Na cidade



## Políticos de aldeia



**D**ie Dorfpolitiker (*Os políticos de aldeia*), do pintor alemão Joseph Euzenberger, exposto na Pinacoteca de Munique, é o título da pintura que apresenta o conciliábulo entre notáveis de uma aldeia alemã no início deste século.

*Como se vê, a conversa em que estão engajados começou de há muito. No instante em que o pintor surpreendeu o grupo, havia um silêncio feito meio de reflexão e meio de cansaço.*

*Todos se calam.  
Não de um silêncio amuado, nem  
de um silêncio  
que exprime o  
desejo de dar por  
terminado o  
conciliábulo.*



*Muito pelo contrário, eles estão aí sentados compreendendo que, com intervalos destes, a reunião ainda pode demorar muito tempo dentro da tranqüilidade geral da aldeia.*

*Eles estão debatendo temas locais, e a opinião comum a que chegarem será aceita por todos os habitantes da cidadezinha.*

**Pois esta gente sabe  
discordar para concordar.**

*Sendo de um primitivismo cultural  
que confina com o analfabetismo,  
talvez alguns deles não saibam escre-*



*ver e nem sequer ler, mas todos sabem - cada qual a seu modo — observar, refletir, discordar e por fim concordar. Pela tranqüilidade do ambiente, percebe-se que sairá um acordo*

*sólido, estável, produzindo contentamento geral na aldeia.*

**Opinião pública?  
Sim, porque começa  
por ser opinião.**

*Basta examinar cada fisionomia para se ver que cada um tem, a seu modo, opinião formada e, muito mais do que isso, um hábito de formar opiniões. Essa opinião não é pré-fabricada por um jornal com tiragem de milhares de exemplares cotidianos, mas cada um tem dentro de si um linotipo interior em que acaba*

*compondo as suas próprias frases que não serão escritas, que serão depois dadas na reunião.*

**Um lê,  
os outros olham,  
todos refletem.**

*Bastaria haver distribuição de um pouco de cerveja entre os presentes para que o colóquio se animasse, e desabrochasse em pouco tempo o acordo.*



## É o carnaval glorificou a tradição



*As fotos mostram pitorescos aspectos do carnaval do Rio neste ano<sup>1</sup>. Tratados de rei e de rainha, ou à moda de fidalgos de antigas e faustosas cortes, desfilam os membros das escolas de samba, alegres em evocar nosso passado.*

*Uma conhecida revista carioca estampou em sua reportagem sobre o fato um título bem característico:*

*“Modestas operárias e empregadas domésticas se transformam, por uma noite, em reis, rainhas e marquesas”.*



*O tema de uma das principais escolas, neste ano, foi o casamento de D. Pedro I com a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg.*

*É claro que nestes trajes não há que procurar uma fidelidade pesadona e erudita, aos modelos efetivamente usados na época que se quis evocar.*

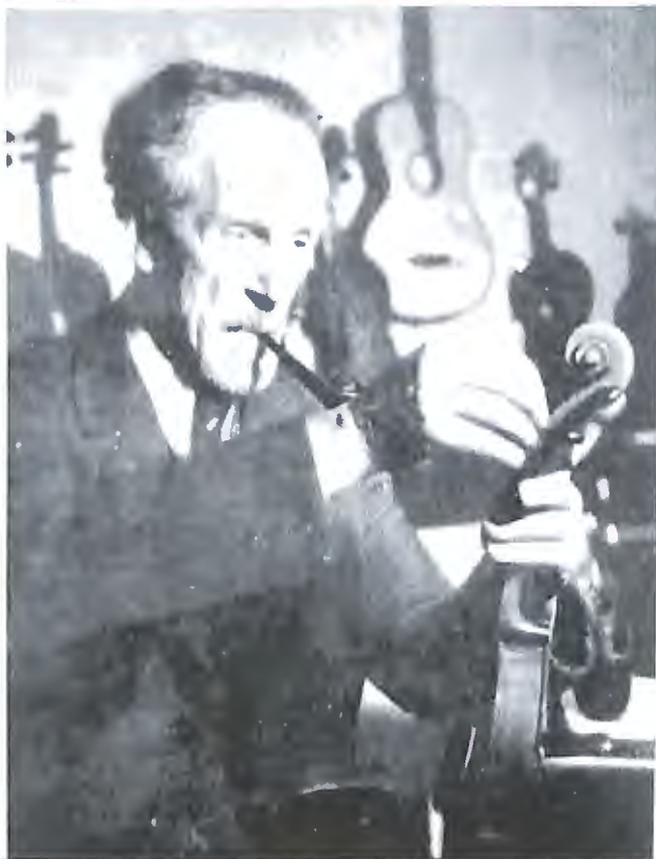


*A imaginação popular, fecunda no engendrar o fabuloso, apresentou aqui a realeza e a aristocracia como ela as imagina. E o "charme" característi-*

*co do negro deu ao conjunto uma nota animada e encantadora. É nossa mais remota tradição, como ela perdura nas camadas mais profundas da alma popular.*

**E tu, que  
afirmas que o povo  
odeia a tradição, o que  
dizes a isto, ó mãe da mentira,  
ó falaciosa Revolução\*?**

Beleza e dignidade  
de uma vida simples



**M**ittenwald, na Baviera Superior, já existia no século XIV. A partir do século XVII se destacou por sua indústria pensar...

*de violinos, que até hoje ali floresce. Este especialista evidentemente está muito longe de ser um sábio, ou um professor de universidade. É um trabalhador manual. Mas quanta inteligência luz em seu olhar, quanta perseverança em sua face, que admirável hábito de trabalho metódico, intenso e calmo, no gesto que está realizando, que perícia perfeita, e que transparência de esplendor do artesanato se nota em todo o seu ser.*

*Homem que numa profissão modesta encontra condições de vida dignas, capazes de justificar uma verdadeira e nobre ufania.*

NESTE EXEMPLO,  
O QUE NOS INTERESSA É  
O QUE TEM DE UNIVERSAL:  
A BELEZA E DIGNIDADE DE  
UMA VIDA SIMPLES, QUANDO  
COMPREENDIDA À LUZ DA  
CIVILIZAÇÃO CATÓLICA<sup>2</sup>.





## Seriedade e candura na maternidade

*Uma jovem camponesa de Castela considera, solícita e enternecida, o filho que tem ao braço.*

*Nota-se nela certa rusticidade, própria aos campônios. Mas uma rusticidade na qual é por assim dizer imperceptível a tal ou qual aspereza que o conceito de "rústico" contém.*

*Pelo contrário, a vida do campo concentrou nesta jovem seus melhores efeitos. Seu semblante, seu porte, exprimem uma vigorosa plenitude de saúde de corpo e de alma.*

*Mas uma plenitude na qual séculos inteiros de tradição cristã imprimiram cunho próprio.*

*Nesta camponesa, que talvez apenas saiba ler, há uma intensidade da vida de espírito, uma lógica, uma temperança, uma harmoniosa sujeição da matéria ao espírito, e ao mesmo tempo um frescor e uma delicadeza, que só podem resultar de muita fé e muita pureza.*

*Os traços fisionômicos, muito nítidos, são enérgicos. As sobrancelhas fortes, e de traçado muito definido, servem de moldura a um olhar penetrante e preciso. Mas há no rosto uma serenidade, uma candura, que o toucado alvíssimo parece acentuar com uma nota de louçania especial.*

*Trata-se de uma simples filha do povo. Mas de um grande povo, grandemente católico. Há nele tesouros de toda ordem — étnicos, históricos, morais, sociais, religiosos — que fazem desta humilde e altiva filha de Castela mo-*



*delo digno de despertar o talento de um grande pintor.*

*Todos estes tesouros estão voltados para a maternidade. Salta aos olhos o carinho*

*delicadíssimo com que contempla seu filho, a consciência que tem de sua função protetora, a dedicação com que ela está por assim dizer mobilizada em todas as suas aptidões, em toda a sua capacidade de afeto (afeto profundo, sério, sem moleza, diga-se de passagem) em prol do filho que Deus lhe deu.*

**Feliz criança  
em cujo favor a Providência  
dispôs maravilhas da  
natureza e da graça, no  
desvelo de uma mãe pura  
e cheia de fé.**

## A velha fiandeira e a megera



*Não se pode considerar a figura desta foto sem sentir um respeito profundo.*

*Trata-se de uma velha mãe de família, com todo o aspecto de quem passou a existência no ambiente digno e santo do lar.*

*A dedicação aos seus, a temperança, um frescor de alma que lhe permite saborear as castas alegrias da vida doméstica, e participar sem tédio nem preguiça dos trabalhos inerentes a esta: tudo enfim, nessa humilde fiandeira da Sardenha, incute acatamento sincero e simpatia cordial.*



*Quem a considera percebe, aliás, que ela tem o hábito de viver cercada do respeito geral, e que, apesar de sua maternal doçura, tem bastante consciência de sua dignidade*

*para se impor a quem lhe quiser faltar com a devida consideração.*

*Entretanto, ela está contente com seu estado: não quer ser, nem parecer, culta, nobre ou rica. É que, aceitando embora a hierarquia social, está cônica de que tem a dignidade essencial de criatura humana, de filha de Deus remida por Nosso Senhor Jesus Cristo.*

**E com isto se satisfaz  
sabiamente, segundo a condição  
em que a Providência  
a fez nascer.**

**N**o Museu de Belas Artes de Lyon se conserva este quadro de David: uma *maraiçhère*”, isto é, uma plantadora de legumes em terras alagadiças. É o tipo clássico das megeras que atuaram na Revolução Francesa.



*Enquanto a fiandeira sarda é toda afeto, dignidade, temperança e paz, esta virago é toda ódio, revolta, destempero e agitação. Seu ambiente normal não é o lar, mas a rua. Seu olhar parece crepitante de chamas interiores, seus lábios cheios de amargor acabam de proferir uma injúria. E outra já vai aflorando neles. Não se diria que seus braços foram feitos para embalar crianças, mas para brandir nas arruaças algum sabre velho ou um pé de cadeira.*

*Duas mulheres que criam em torno de si ambientes diversos, praticam costumes opostos, representam duas civilizações irreconciliáveis entre si: a civilização cristã e a civilização revolucionária\* neopagã... na medida em que esta possa ser chamada de civilização.*





## Paganismo sombrio da massa, alegria cristã do povo

*Chinon, Departamento de Indre-et-Loire, na França. Fundo de quadro popular e ameno.*

*Casario modesto, variegado e pitoresco, quadro normal de uma existência afável, íntima e despreziosa.*



*Existência harmo-  
niosa de trabalha-  
dores, por certo.  
Mas trabalhado-  
res cristãos, para  
os quais o traba-  
lho não é senão  
uma condição  
para viver, e o  
sentido profundo  
da vida é o culti-  
vo dos valores do*

*espírito com vistas para o Céu.*

*A rua tem a solidão dos amenos  
lazerdominicais. Um cortejo  
nupcial lhe dá um ar festivo, e por  
assim dizer a ilumina inteira com as  
castas e desanuviadas alegrias do  
ambiente de família.*

*No primeiro plano, uma pessoa  
apoiada a uma bengala e albeia ao  
cortejo, caminha com o passo difícil  
dos artríticos. Vê-se que trabalha,  
por certo, e durante toda a sua  
vida trabalhou.*

*Mas é acima de tudo uma trabalhadora? É de qualquer forma uma escrava da máquina? Não. Parece ser antes de mais nada uma mãe de família, vivendo no lar e para o lar.*

*O trabalho marca sua personalidade e a dignifica, sem contudo a dominar nem excluir nela ou reduzir ao segundo plano valores infinitamente mais altos.*

**Q***ue se vê na outra foto? Escravos? Sim. Proletários soviéticos num comício...*

**D***ois ambientes populares, duas formas de existência, duas concepções de trabalho. De um lado, o teor de vida calmo e digno, o ambiente modesto mas cheio de temperante louçania, a concepção afável e batizada do trabalho cristão. Do outro, a vida opressiva e fatigante, o ambiente saturado de egoísmo e de ódio, a concepção materialista, brutal e mecânica do trabalho pagão .*



**Neo-paganismo,  
péssimo negócio**

*Cena colhida na Itália, na Ilha de Ischia, depois de uma tempestade.*

*A natureza recobrou seus aspectos risonhos, e, acompanhada de seus filhos, ou quiçá de seus netos, uma camponesa já velha, galga uma ladeira. O caminho não é asfaltado, de um e outro lado não há cinemas, nem bares, nem vitrinas, nem anúncios vistosos. Neste grupo ninguém sonha em ter "Cadillac" ou sequer uma "Lambretta". Estão todos descalços, e vestidos como gente pobre.*

*Entretanto, como são saudáveis, como sua alma transborda dessas alegrias simples e fundamentais da vida do campo, que a tradição milenar da austeridade cristã lhes faz tão bem sentir. Estão alegres porque têm saúde, porque o ar é puro, porque o campo é belo, porque estão radicados num ambiente de família cheio de amor sem sentimentalismo, mas rico em senso de sacrifício e mútua dedicação.*

*Na simplicidade de suas maneiras,  
agrupam-se, entretanto, em torno da  
figura central numa atitude de verda-  
deira veneração*

*E, nesta veneração, quanto afeto,  
quanta confiança!*

**A vida não nos foi dada  
para sermos felizes, mas para  
rendermos glória a Deus.  
Entretanto, importa notar que  
até do ponto de vista da felicidade  
terrena o neo-paganismo é  
péssimo negócio.**

*Pois há mais alegria numa sociedade  
austera e cristã, ainda quando muito  
simples, do que nas pompas  
falaciosas de uma supercivilização —  
ou, talvez melhor, uma  
pseudocivilização — que pôs toda a  
sua felicidade nos deleites da sensua-  
lidade ou nas ilusões do dinheiro.*



**F**lagrante colbido na Rua  
Mouffetard, em Paris. Empunhando  
duas garrafas, um menino caminha

*rumo à casa. Leva o abastecimento de dois dias regalados: sábado e domingo.*

*Que modesto regalo! Que alegria triunfal e transbordante, entretanto. Como pode um tão magro leite alegrar tanto a alguém?*

*Trata-se evidentemente de um menino de meio muito simples, vestido com extrema modéstia, se bem que sem penúria.*

*Em meios como o seu, se conserva não raras vezes, mesmo nas grandes cidades, uma casta e austera alegria de viver uma vida quotidiana simples, trabalhosa, mas inspirada direta ou indiretamente pelo influxo sobrenatural e benfazejo da fé.*

*Numa tal situação acumulam-se reservas de paz de alma, de vitalidade e virtuosa energia, que vibram com qualquer pequeno regalo suplementar e com ele se contentam.*

*Na mesa de uma família assim, basta um pouco de largueza maior no comer e no beber, para ocasionar uma grande alegria.*

**Mais uma vez,  
com isto se vê que  
não são as sobras do ouro,  
e muito menos os excessos  
da luxúria, que dão ao homem  
a medida de felicidade  
possível nesta Terra.**

*Pelo contrário, é na mortificação, na sobriedade, na integração séria e efetiva em uma vida quotidiana normal e por vezes penosa, que o homem adquire aquele virtuoso equilíbrio que lhe dá o gosto de viver.*



## Luzes do Oriente



**A** fotografia nos apresenta duas japonesinhas no encanto e na inocência de sua tenra idade.

*Seus trajes são recatadíssimos, e constituem vigorosa lição para os nudistas neo-pagãos das praias do Ocidente.*

*Os coloridos variados têm um quê de poético, completado pelos ornatos da cabeça.*

*Tudo muito regional, muito peculiar, muito artístico, muito digno e criterioso.*

*O demônio penetrou no budismo: isto é certo. Mas quem poderia afirmar que ele dominou toda a cultura pagã do Japão, vendo os trajes destas encantadoras crianças, que é impossível ver sem ter uma imensa vontade de as batizar?*





## Uma felicidade austera e calma

**É** noite. Adivinha-se o silêncio absoluto que habita na escuridão que a fotografia fixou. A alma, numa atmosfera como esta, se sente convidada à reflexão.

*Todas as circunstâncias grandes ou pequenas, agradáveis, enfadonhas ou até dolorosas da vida quotidiana desaparecem.*

*A sós consigo mesmo, pode o homem transcender tudo isto, e penetrar na região superior do recolhimento, da reflexão e do estudo.*

**É uma felicidade  
austera e calma.  
Em uma palavra,  
é uma felicidade  
verdadeira.**

*Em nossa foto esta felicidade se faz sentir vivamente.*

*Três luzes estão nela acesas. A menos importante é a que propriamente merece o nome de luz: é a da vela.*

*O seu reflexo sobre o livro constitui a segunda nota clara da gravura. Tem-se a impressão de que o pensamento contido no texto se torna luminoso. E a luz da vela e o reflexo no livro iluminam o rosto, fazendo ver nele a luz mais verdadeira, que é a da alma atenta e sutil que lê.*



**A**nalise-se este rosto imerso na leitura: está calmo, absorto, feliz.

*É, como dissemos, a felicidade do isolamento, do recolhimento, a felicidade de pensar...*

*Desta felicidade eram sôfregos nossos maiores. Mas os que a apreciam se vão tornando sempre mais raros.*

*Cresce, pelo contrário, o número dos que só sentem prazer no ruído, na agitação, nas sensações "exciting".*

**E**m Nova York, no bairro de Harlem, torcedores acabam de saber da vitória de seu campeão.

*Branços, pretos, amarelos,  
vermelhos, entre todos hoje se genera-  
liza a tendência a achar que a felici-  
dade é isto...*



**P***ara os que sabem qual o prazer do  
recolhimento, está estabelecido um  
pressuposto precioso para a  
santificação.*

*São Bernardo dizia: “O beata  
solitudo, o sola beatitudo!”<sup>3</sup> Mas  
para os que vivem no bulício perpé-  
tuo, os que não sabem nem querem  
viver fora dele, quantos ruídos aba-  
fam a voz da graça...<sup>4</sup>*



# NOTAS

1. Em 1964.

2. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira costumava qualificar a civilização moderna de "pseudo-civilização ex-cristã". Para que se possa avaliar bem quanto é importante a restauração de uma verdadeira civilização cristã, Santo Agostinho afirmava que "Deus criou uma civilização para nela nascer, do mesmo modo como criou uma mãe de quem nasceu" (Comentário do Salmo 86, 7-8). Note-se que ainda não se tratava de uma civilização cristã, o que confere ainda mais força à observação do grande santo e pensador.

3. Oh! bem-aventurada solidão, ó única bem-aventurança (o original latino contém um jogo de palavras que é impossível traduzir).

4. Os comentários deste "panorama" foram extraídos de "Catolicismo", respectivamente números 535, 163, 51, 60, 118, 98, 89, 64, 114.

III

# Nos porões





## Três faces da Revolução\*

**A** explosão protestante do século XVI, a Revolução Francesa e a Revolução comunista constituem como que

*as três fases de um imenso movimento, uno pelo espírito, pelos objetivos e até pelos métodos.*

*Na figura de três de seus chefes, procura-se fazer ver alguns dos traços de alma desse movimento, isto é, algo do espírito da Revolução\*.*

**N**o retrato de Lutero<sup>1</sup> morto (quadro de Lucas Fortnagel, Biblioteca da Universidade de Leipzig), uma análise detida revela, na grosseria dos traços, a nota característica do demagogo cheio de si, do arruaceiro cuja pregação tantos erros e tanta revolta espalhou, e tanto sangue fez verter.

Lutero



*Mas a impressão que salta desde logo aos olhos, e se torna definitiva no espírito do observador, é a sensualidade, o amor exagerado aos regalos de toda ordem, que*

*provoca já no primeiro olhar uma sensação conflagradora.*

**E***m Robespierre<sup>2</sup>, cuja máscara mortuária conservada no Museu Tussaud reproduzimos, o que se exprime principalmente é o ódio.*

*Um ódio tão profundo, tão avassalador, que, sem ter abolido a sensualidade, constitui a nota dominante da fisionomia.*

*Esses lábios cerrados para sempre parecem entretanto ainda destilar*



*algo das pregações de violência e de morte da era do Terror. Esses olhos que já não vêem parecem conservar uma expressão de ódio viperino.*

*A fronte abaulada dá a sensação de ainda ruminar peças oratórias incendiárias e planos de subversão.*

**Ele todo não é senão ódio igualitário, tanto no plano especulativo como no militante, e desejo imenso de destruir tudo quanto, a qualquer título, lhe é superior.**

"Che" Guevara



*A terceira foto apresenta Ernesto "Che" Guevara<sup>3</sup>, o argentino transplantado para Cuba, que exprime tão autenticamente o cunho marxista da revolução cubana.*

*Os cabelos, que parecem não ser de há muito nem cortados nem lavados, um bigode ralo e esfiapado, cujas*

*extremidades acabam por se unir a uma barbicha de contornos incertos, formando para o rosto uma moldura de desalinho e desordem, causam repulsa instintiva, mas visam despertar uma impressão de naturalidade e despreensão, levadas ao extremo.*

*De sua parte, o olhar — de uma luminosidade incomum — e o sorriso procuram dar uma certa idéia de bonomia e afabilidade um pouco mística.*

*Este homem dulçuroso é um dos suportes do regime do “paredón”, onde tantas vítimas têm sido cruelmente imoladas<sup>4</sup>, do regime que está movendo contra a Igreja uma perseguição inteiramente do estilo de Robespierre ou de Lenine.*

**Se a fisionomia de Lutero exprime sobretudo a avidez dos prazeres do corpo, e a de Robespierre sobretudo o ódio igualitário, a de “Che” Guevara representa uma das máscaras mais recentes da Revolução, isto é, a bonomia insincera, a velar a pior das violências.**

## Novo estilo de mulher

**E**m todos os tempos se entendeu que a graça, a delicadeza, o recato e a meiguice são as características do sexo feminino.

*Mas o tipo ideal da propaganda*



*comunista  
é esta  
virago  
brutal,  
materialis-  
ta, cruel,  
que chegou  
a dominar  
sua desdito-  
sa e nobre  
pátria, e  
encarna  
muito bem  
a franqueza  
com que a  
Rússia de*

*Stalin ostentava aos olhos do mundo a verdadeira fisionomia espiritual do comunismo.*

*Anna Pauker<sup>5</sup> representa o arquétipo\* da mulher conformada segundo as normas do comunismo. Grosseira, masculinizada, não denotando nem o recato nem a dedicação que a situação da mulher na sociedade exige, é a virago desabrida e sem sentimentos, própria para a era de brutalidade e mecanicismo cujo advento o neopaganismo moderno prepara.*

## Há nexos entre doutrina e arte?

*Quando morreu Stalin<sup>6</sup>, o pintor comunista Picasso<sup>7</sup> fez dele um retrato.*

*"L'Humanité", órgão vermelho de Paris, publicou o trabalho.*



*Moscou entretanto o condenou, porque segundo os cânones da arte comunista um retrato deve tanto quanto possível parecer-se com uma fotografia, evitando interpretações pessoais do artista. Estas interpretações exprimem uma mentalidade subjetivista e individualista, incompatível com o coletivismo socialista.*



*De fato, o rosto de Stalin, visto por Picasso, tem muito de subjetivo. Mais real é a fotografia que dele se tirou em Teberan em 1943, ao lado de Roosevelt<sup>8</sup>: dir-se-ia um porteiro de hotel endomingado em seu uniforme novo, ufano em tomar a fresca por uns minutos ao lado de um hóspede distinto, que consentiu em conversar um pouco com ele .*

# NOTAS

1. Martinho Lutero (1483-1546), o principal líder da rebelião protestante contra Roma, viveu em concubinato com a ex-freira Catarina de Bora e escreveu uma obra francamente licenciosa, intitulada Tischreden.

2. Maximiliano Isidoro de Robespierre (1758-1794) foi o maior responsável pelo Terror, durante a Revolução Francesa. Morreu guilhotinado.

3. Ernesto Che Guevara (1928-1967), médico argentino, participou da guerrilha que levou o comunismo ao poder em Cuba. Envolveu-se, depois, em várias outras ações armadas, tendo sido executado na Bolívia.

4. A propaganda comunista, eficazmente ajudada por certa mídia, tudo faz para levar ao esquecimento do *paredón*. Por isso, talvez não seja ocioso recordar que o fuzilamento dos adversários foi prática corrente na Cuba de Fidel Castro enquanto não foi suspensa pelo *marketing* político vermelho. Nada menos que 12.486 pessoas morreram no *paredón* (cf. AA.VV., “Cuba: un país de lágrimas y muerte”, revista Fundación, Fundación Nacional Cubano-Americana, Miami, ano 1, n. 6).

5. Anna Pauker (nasc. 1897) assumiu em 1947 o Ministério das Relações Exteriores da Romênia. No mesmo ano, o Rei Michel abdicou.

6. Josef Vissarionovitch Stalin nasceu na Geórgia em 1879. Em 1926 foi eleito secretário do partido comunista, assumindo a direção da política soviética. Em 1941 tornou-se primeiro-ministro, cargo que ocupou até sua morte. Simbolizou o comunismo no que teve de mais cruel, despótico e boçal.

7. Pablo Picasso (1881-1973), pintor e escultor espanhol, lançou o cubismo.

8. Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), foi presidente dos Estados Unidos por três mandatos, sendo Chefe de Estado quando estourou a Segunda Guerra Mundial.

9. Os comentários do presente “Panorama” foram extraídos de “Catolicismo”, n<sup>os</sup> 121, 57, 35, 76.

IV

Nos salões



## No aquário da Constituinte

**A** primeira impressão que me deu a Constituinte<sup>1</sup> foi de um enorme e suave aquário de água morna, banhado por uma luz brandamente pálida, em que evoluem, com a discrição silenciosa com que só os peixes sabem evoluir, os tubarões ou as sardinhas da política nacional.



Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, expoente do clã dos Andrada, que presidiu a Constituinte de 1934





*Só quem conhece o Palácio Tiradentes pode apreciar a justiça da comparação.*

*Tudo nele é rico, discreto e acolchoado, desde a poltrona em que pontifica o Sr. Antonio Carlos, até a cadeira de engraxate instalada na barbearia.*

*O regime é das "abordagens" jeitosas e das "sondagens" disfarçadas.*

*Há os deputados de tribuna, e há os de corredor.*

*Os primeiros são os líderes dos grandes torneios oratórios. Sua ação é essencialmente explosiva e detonante. São a artilharia pesada.*

*Ao lado destes,  
há os de corredor.  
São os líderes do  
cochicho e da  
confabulação.  
Afetam um desdém  
condescendente  
para com os gran-  
des debates  
oratórios, de  
que não sabem  
participar.*

*O tipo intermediá-  
rio mais caracterís-  
tico é o do líder da  
maioria, Sr.  
Oswaldo Aranha.*

*Ora S. Exa. conversa discretamente  
com algum colega, albeio ao discurso,  
mesmo quando está em causa na  
verrina do orador, ora intervém nas  
menores questões, aparteando com  
frases proferidas no tom em que  
Júpiter tonante desfechava seus raios.  
Dado o aparte, volta-se para os cir-*



Oswaldo Aranha

*cunstantes, a procurar com os olhos um contendor, para continuar mais baixo a discussão entabulada.*

*Retira-se depois do recinto, com a fisionomia satisfeita de si mesmo, distribuindo, para a esquerda e para a direita, sorrisos mágicos que eletrizam e encham de sol o semblante dos beneficiários.*

*Com o olhar admirado e solícito, certos deputados ainda o acompanham ao longe, com a vista.*

*E, no seu porte dobradiço e na sua atitude reverente, há alguma coisa que diz aos profanos: "Voilà le soleil"<sup>12</sup>.*

## Uma miniatura de ministro

*Como é possível não sorrir à vista desta fotografia do grande Churchill<sup>13</sup> no viço de seus 15 anos, envergando o traje típico dos alunos do famoso colégio de Harrow?*



*O sério da indumentária varonil, doutoral e até solene, faz do adolescente uma miniatura de ministro de Estado, ou de conselheiro da Coroa.*

*O jovem, em um ardente anelo de responsabilidades, de maturidade e de ação, se sente compenetradíssimo da incipiente importância que seu traje parece dar-lhe.*

*Sua atitude é de quem se acha de uma envergadura proporcionada com os problemas do Império Britânico e do mundo.*

*Não se trata aqui de analisar o traje ou a pessoa senão como expressão de uma pedagogia que visava formar desde muito cedo no menino o desejo de ser um varão na plenitude intelectual e moral do termo.*

*De sorte que todas as faculdades da alma iam sendo orientadas e adestradas para os grandes descortinos, as grandes missões, os deveres árduos da vida pública ou da vida privada.*

**Daí resultou um Churchill  
e toda uma geração de  
ingleses que encheram a  
História com o brilho de  
sua personalidade e a  
grandeza de seus feitos,  
bons ... ou por vezes maus.**

*Como deve haver relação entre um quadro e sua moldura, também a deve haver entre a pessoa e o traje.*

*O tipo humano mudou: mudou também o traje.*

*Em consequência, os adolescentes se vestem como crianças até o mais tarde possível.*

*E os homens ficam nestes trajes tanto quanto podem, e por isto, quando em veraneio, se vestem como nem em veraneio se vestiriam meninos no tempo em que Churchill tinha 15 anos.*

Comentário da revista *Life* a esta foto: mesmo quando menino ele tinha "the Churchill look" (o olhar de Churchill)





## Velhice: apogeu ou decre- pitude?

**F**oi à inteligência rutilante de lucidez e à vontade de ferro de Winston Churchill que um grande povo confiou a mais difícil das tarefas: reerguer um Império decadente.

Nossa primeira gravura o apresenta aos 30 anos. É indiscutivelmente um moço bem apessoado, inteligente, de futuro. Mas nem seu olhar tem a profundidade, nem o porte a segurança, nem a fisionomia a força hercúlea da fotografia de Churchill em sua velhice, que apresentamos na segunda foto.

*A mocidade sem  
dúvida se foi, e  
com ela a  
louçania.*

*Mas a alma  
cresceu enquan-  
to o tempo  
marcava  
implacavelmen-  
te o corpo.*

*E esta alma é por si só a coluna sôbre  
a qual repousa todo um Império.  
Isto é — ainda mesmo na ordem  
meramente natural — a glória e a  
beleza do envelhecer.*

*Quantos e quão mais decisivos seri-  
am estes comentários se quiséssemos  
considerar os dados sobrenaturais  
do assunto!*

Churchill na  
ancianidade



## Lady Churchill: nobreza, charme, equilíbrio

*Grande de rosto e de porte, com um*



*não-sei-quê de nobremente aquilino no olhar e no perfil, Lady Churchill reunia entretanto todas as graças genuinamente femininas.*

*Sua educação aristocrática lhe comunicara um charme evidente.*

*Sua imponência coexistia elegantemente com uma afabilidade atraente.*



Clementine Hozier  
em 1908

*Apesar de vistosa, era sumamente discreta.*

*E sabia ser inteligente sem em nada disputar a seu brilhante esposo os olhares do público.*

*No equilíbrio de tantas qualidades quase opostas, tudo era natural e nada era afetado.*



**Garcia Moreno,  
estadista e mártir**

**C**om sangue espanhol, e provavelmente um pouco de sangue indígena, Garcia Moreno<sup>4</sup> é o modelo do equatoriano.

*Mais ainda, é o tipo do hispano-americano do Norte da América do Sul.*

*Ele o é pelo físico. Mas se vê que o é muito mais pela alma. Tem profundidade de espírito, firmeza e lógica de pensamento, domínio sobre si e uma permanente mobilização de todo o seu ser para cumprir um dever muito árduo.*

*Outras qualidades podem ainda ser observadas em Garcia Moreno: muita propensão para a fé católica, apostólica e romana, muita afinidade com a Igreja; elevação de alma, facilidade para o sobrenatural, sem dúvida proporcionada pela graça, mas que encontra um ponto de inserção na natureza.*

*Ele tem tudo isso de modo esplêndido.*

*Mas também se nota algo que é o contrário disso, que muito facilmente caracteriza os povos com miscigenação indígena. Porque é próprio das pessoas que trazem em si essa miscigenação comportarem uma tendência para o sonho de olhos abertos, para a moleza e a inconstância.*

*Porém, também é próprio do católico, quando nasce com defeitos assim, virá-los pelo avesso e ser salientíssimo nas virtudes opostas. E essa é a maior beleza de alma de Garcia Moreno. Morreu pela fé. É mártir. Até nisso virou ao avesso os defeitos do seu povo, comuns com os de outros povos sul-americanos. É uma coisa admirável!*

*Um povo só é grande quando vira os seus defeitos nativos pelo avesso. Se não fizer isso, esses defeitos o dominam.*

OS NOSSOS DEFEITOS NATIVOS, OU  
SÃO LEVADOS NA CHIBATA OU  
NOS PÕEM DEBAIXO DA CHIBATA<sup>5</sup>

# NOTAS

1. De 1934.
2. Trecho de um artigo escrito pelo jovem constituinte de 24 anos, Plínio Corrêa de Oliveira, para o jornal "Legionário", em 10-12-1933. O ilustre líder católico acabava de dar a medida de sua força, ao arrebatar a maior votação do Brasil. Teve nada menos que 9,5% do total dos votos do Estado de São Paulo, superando proporcionalmente as votações multitudinárias que tiveram em nossos dias, por exemplo, Paulo Maluf (5,8%) ou Luís Inácio Lula da Silva (4,2%), quando se candidataram a deputado. Note-se o tom finamente irônico do texto: o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira era um oponente resolutivo do governo Getúlio Vargas.
3. Winston Churchill (1874-1965) foi primeiro-ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, militar e escritor.
4. Gabriel Garcia Moreno (1821-1875), foi Presidente da República do Equador. Fervoroso católico, carregou uma pesada cruz às costas numa procissão de Sexta-feira Santa, demonstrando assim sua fé. Foi assassinado pelos inimigos da Igreja, em frente à catedral de Quito. "Deus não morre!" foram suas últimas palavras.
5. Os comentários deste "Panorama" foram extraídos do "Legionário", 10-12-1933, e "Catolicismo", n<sup>os</sup> 154, 12, 559 e 554.



V  
Nos palácios

## Luis II da Baviera, seus castelos e sua tragédia

**L**uís II<sup>1</sup> era um homem feito para viver uma fábula, dentro da fábula.

*E de fato os Wittelsbach<sup>2</sup> deveriam produzir em série homens de fábula, que não vivessem governando apenas a Baviera, mas se associando aos grandes movimentos do mundo e introduzindo a atmosfera de fábula por toda parte. Mais até do que os Áustrias<sup>3</sup> e do que os Bourbons.*

*O pobre Luís II tinha essa qualidade. Porque o que ele procurou fazer brilhar nos castelos dele foi sempre o fabuloso.*

*O castelo de Neuschwanstein mostra um dos aspectos bonitos da alma do rei. Pode-se ver aí o que ele poderia ter sido, se não se tivesse transviado.*



*Ele era apaixonado pelas coisas medievais e mandou construir um castelo medieval. Mas na Idade Média não se construíam castelos assim. Ele imaginou um prédio não precisamente medieval, mas com todo o espírito medieval. Há ali alguma coisa que transcende o gótico.*

*De tal maneira Luís II tinha um apelo para a fábula, que até o trenó<sup>4</sup> que ele mandou fazer para andar à noite na neve é o de um herói de fábula, viajando num trenó de fábula na paisagem fabulosa, gelada mais do que nevada, dos montes da Baviera durante o inverno.*

*O próprio físico dele era o de um homem fabuloso, que eu oporia por completo a Eduardo VII<sup>5</sup>, contemporâneo, mas inteiramente diferente dele: obeso, bem vestido, bem cuidado, sem mito.*



*É até curioso dizer: ele era nobre e muito nobre, mas quase acidentalmente, porque os Wittelsbach eram senhores de uma capacidade ilimitada que mais cria a nobreza do que a conserva. Havia neles uma espécie de geração contínua de nobreza.*

*Ele entrou para a História como rei ao mesmo tempo fabuloso e crapuloso, herói e lamacento. Foi a figura ambígua que marcou essa época da História da Baviera.*

*Se Luís II tivesse sido o grande homem a que era chamado, o que teria sido da Alemanha? Ele representava o mais poderoso dos Estados católicos daquele país, e poderia ter reagido contra os Hohenzollern<sup>6</sup> e contra a fundação do Império alemão. Poderia ter salvo a hegemonia da Áustria. Mas ele se fez amigo de Bismarck<sup>7</sup>, o homem que meteu a canga em todos os reis da Alemanha e estabeleceu o domínio do império protestante dos Hohenzollern.*

## Um lago muito azul...

**D**emente, foi internado no Castelo de Berg, às margens de um lindo lago alemão, do qual me lembrarei enquanto estiver vivo, e que é Starnberg. De um azul maravilhoso. A água mais linda que vi na vida. Cercado das árvores mais bonitas que se possa imaginar.

*Eu me hospedara nesse castelo, e me levantei às sete horas da manhã. A família que me havia convidado estava dormindo ainda, e fui passear no bosque vizinho.*

*Eram uns pinheiros altos. Por eles penetrava uma claridade matutina que encontrava uma neblina lindíssima, e o sol penetrava de tal maneira que fazia sombras, que pareciam as colunas de uma catedral.*

*Naquele lago havia uma cruz. No lugar daquela cruz, o rei, construtor*



*desse castelo,  
tinha morrido  
misteriosamen-  
te. Sua morte  
nunca foi com-  
pletamente  
elucidada.*

*Grande sonho,  
expressão de  
uma grande  
vocação.*

*Grande frustração, do homem que  
não realizou aquilo que devia.*

MAS QUE LEGOU  
À HUMANIDADE UMA FIGURA  
DO QUE PODERIA TER  
REALIZADO ANTES DE NAUFRAGAR  
NA LOUCURA E SUMIR  
NAS ÁGUAS DO  
LAGO STARNBERG.



O castelo Falkenstein,  
colocado por Luís II em seu plano de edificações no ano de 1883,  
nunca foi construído, por razões pecuniárias



*Esse personagem romântico despertava uma popularidade enorme. Fizera suas exéquias solenes em Munique, capital da Baviera, e afluíram uma multidão prodigiosa.*



Este óleo, de R. Wönig, representa Luís II viajando de trem  
entre as estações de Nauwischwanstein e Lindertshof. O óleo  
conserva-se no museu de Metstall em Lindertshof.



**Sissi, uma  
imperatriz de fábula**

**A** Sissi<sup>8</sup> é um caso semelhante.  
Se ela tivesse sido o que deveria ser,  
ninguém sabe o que ela poderia  
ter feito....

*Em primeiro lugar, ela teria feito do  
marido dela<sup>9</sup>, o imperador perfeito,  
sensível à voz de Dom Bosco<sup>10</sup>. Porque  
se ela tivesse sido sensível à voz de  
Dom Bosco, o marido teria sido o  
imperador perfeito... Ora, só isto teria  
reformado o mundo<sup>11</sup>.*

*Ela poderia ter sido  
uma fábula para o ma-  
rido. Mas quis ser uma  
pessoa qualquer.*



O imperador  
Francisco José,  
com quem Sissi  
casou-se

*Ela não era um modelo  
de saúde mental. Todo  
o "atteggiamento"<sup>12</sup> dela não era  
razoável.*

*Ela viveu uma dessas situações que  
ficam entre o sublime e a loucura, e  
onde ainda a loucura é a única ca-  
tástrofe digna do sublime.*



*Deram-me  
para ler um  
trecho de  
Burke<sup>13</sup>, a  
respeito de  
como deixa-  
ram matar  
Maria  
Antonieta.*

*Ele diz que a Europa da cavalaria e das Cruzadas tinha acabado, os homens de brio tinham morrido; está selado que a Europa está caminhando para uma decadência que ninguém mais deterá.*

*De fato, a fábula tinha desertado da Europa. Hoje, em qualquer das nações daquele continente aonde se vá, nota-se que a fábula está longe.*

## O que vem a ser a "fábula"

*N*ão utilizo a palavra "fábula" no sentido próprio, mas em um sentido aparentado ao adjetivo "fabuloso". Geralmente se chama de "fabulosas" coisas elevadas e transcendentais.

*Mas o que é propriamente a "fábula"?*

*É o conjunto de realidades metafísicas<sup>14</sup> e sobrenaturais especialmente cintilantes, que fazem adivinhar a existência de uma ordem de coisas sublime.*

A CASA DA BAVIERA NÃO  
É CHAMADA A DOMINAR A EUROPA,  
SENÃO NO SENTIDO DE SER PARA A  
"FÁBULA" O QUE A FRANÇA FOI  
PARA A ELEGÂNCIA.



*É impossível falar em "fábula" sem pelo menos mencionar o Oriente grandioso e magnífico. Por isso, reproduzimos aqui ao lado a cena absolutamente mítica da coroação de Alexandre II na Catedral Ouspenski (Moscou, 1856) que fala por si e dispensa comentários*

*O que a Áustria foi para a majestade, a*

*Baviera foi chamada a ser, nos seus mais altos aspectos, para a "fábula".*

*Ela é a terra as aldeias encantadoras, dos camponeses de folclore, das vaquinhas, dos lagos.*

*Essa ordem de coisas prosaica só se torna linda quando é fundo de quadro ou cenário para os fabulosos passarem.*



# A "fábula" no Oriente



## Elisabeth, princesinha, futura rainha



**A** Princesa Elisabeth, herdeira do Trono da Inglaterra (...), foi indiscutivelmente uma das figuras femininas de maior projeção na vida política internacional neste ano<sup>15</sup>.

*Muito de nosso tempo, sob todos os pontos de vista, a Princesa Elisabeth*

*representa de modo frisante a dama do século XX, formada sob o influxo das tradições ainda vivas em nossa época, especialmente na Inglaterra.*

*O povo inglês vê nela o símbolo de sua glória, a expressão da finura, da graça, da simples e nobre superioridade da "gentry" de sua terra, a representação visível e sensível do que a nação pode produzir de mais idealmente "racé"<sup>16</sup>.*

**Sua superioridade  
muito autêntica se ilumina  
com os encantos de  
uma afabilidade atraente  
e comunicativa.**

*Sua popularidade é imensa, ou a bem dizer unânime: na Inglaterra, há oposição contra o Ministério, não porém contra a monarquia, e menos ainda contra a risonha e encantadora herdeira do Trono.*



**Maria Clotilde, o  
mito que deu certo**

**A** *Serva de Deus Maria Clotilde Savóia Napoleão<sup>17</sup>, insigne não só pelo nascimento e por sua alta distinção pessoal, como também por sua virtude, será talvez elevada às honras dos altares, pois já se processa a causa de sua beatificação.*

*Pela nobreza de seu porte representa ela o tipo característico da dama cristã no século passado, toda feita para a vida de sacrifício, principalmente no lar, para as grandes dedicações da mãe e da esposa, segundo o espírito da Igreja.*

**Apesar de muito feminina, espelha em seu todo uma firmeza notável, que não exclui aliás uma grande bondade. Em suma, pode ser tida como expressão autêntica do verdadeiro ideal feminino.**



## Lady Diana, cintilações, desapontamento

*Uma onda universal de entusiasmo foi despertada pelo vetusto e rutilante cerimonial do casamento de Charles e Diana<sup>18</sup>, o Príncipe e a Princesa de Gales.*

*[Muito] ganhou em estabilidade, naquele ensejo, o perfil psicológico e moral já clássico, que segundo velhas aspirações da Inglaterra, devem ter o príncipe herdeiro e a sua esposa.*

*Na mesma cerimônia fizeram-se ver também as atualizações accidentais que aquele país quer introduzir nesse perfil moral, e ipso facto na fisionomia geral da nação<sup>19</sup>.*

*No meu tempo havia moças que eram apreciadas pela sua beleza e pela sua conversa agradável.*

*Nesse tempo, dava-se mais importância à proporção do corpo, mas a beleza era sobretudo a do rosto.*

*Pois bem, esse tipo de beleza foi sendo substituído pela beleza sensual. Começou-se a dar mais importância ao ar sensual da moça do que à sua beleza.*

*Depois disso, ainda degenerou mais, chegando ao sex-appeal, que é o puro apelo sexual, sem que se dê importância alguma à beleza propriamente dita.*



*Vejo tudo quanto a Princesa Diana tem de objetável, mas nela havia*



*uma coisa que explica, aliás, a  
popularidade dela em boa parte:  
uma flexibilidade de sentimentos  
e uma comunicatividade de sen-  
timentos, feitas de carinho.*

## Prodigiosas recompensas e prodigiosos castigos

*Alguém dirá [a respeito de alguns dos tópicos anteriores]: "mas não percebe que são sonhos de loucos, e que você aqui se abraça ao sonho de um louco?"*

ACHO QUE  
NINGUÉM ENTRA  
NO MUNDO DAS FÁBULAS  
— SEMPRE NO SENTIDO  
EM QUE EU ESTOU TOMANDO  
A PALAVRA — NINGUÉM DIZ SIM  
A ESSE MUNDO E NINGUÉM  
TRANSPÕE ESSE LIMIAR SEM  
PRODIGIOSAS RECOMPENSAS  
E PRODIGIOSOS  
CASTIGOS.

*Por exemplo, quem transpôs esse limiar, se quiser sair desse limiar para entrar na linha da honestidade burguesa comum, fica sórdido.*

*E o que para outros seria limpeza, para ele passa a ser imundície.*

*O que para outro é o padrão comum, para ele é microlíce<sup>20</sup>.*

*É fácil compreender que as almas que se voltem muito para isso com toda alma, sendo infiéis, mais facilmente enlouqueçam<sup>21</sup>.*



Foto de fundo, lago de Starnberg, com a cruz que marca o local onde morreu afogado Luís II; ao lado, a cena do assassinato da imperatriz Elisabeth (Sissi) e as estampas distribuídas por ocasião de suas exéquias; na foto menor, o Mercedes em que Lady Diana encontrou a morte.



# NOTAS

5

NOTAS AO QUINTO PANORAMA

1. Luís II (Otto-Frederico-Guilherme) nasceu em 1845 e faleceu afogado no lago de Starnberg em 1886. Subindo ao trono em 1864, em carta de 7-12-1870 propôs que o rei da Prússia Guilherme I fosse proclamado imperador da Alemanha, o que sucedeu. Em certa altura de seu reinado, afastou-se do poder para abandonar-se às sugestões da solidão, ao gosto das grandes construções (castelos de Linderhof, Hohenschwangau, Berg, Herrenchiemsee, Neuschwanstein), à obsessão pela lembrança de Luís XIV, à admiração das obras de Wagner, de quem foi mecenas e amigo. Afetado pela loucura, foi transportado para o castelo de Berg. Foi encontrado morto no lago de Starnberg no dia seguinte ao de sua chegada.

— Quanto ao sentido dado à palavra *fábula*, ver mais adiante o esclarecimento dado pelo próprio autor.

2. Wittelsbach: família dos reis da Baviera.

3. Áustrias: membros da família Habsburg.

4. Ver ilustração às pp. 126-127.

5. Eduardo VII (1841-1910), filho e sucessor da Rainha Vitória, da Inglaterra. Enquanto príncipe de Gales, levou intensa vida social e era tido como árbitro da elegância masculina.

6. Hohenzollern: família dos reis da Prússia.

7. Otto, príncipe de Bismarck (1815-1898), homem de estado prussiano que, depois de haver expulsado a Áustria da Confederação Germânica, fundou a unidade alemã, conferindo à Prússia a hegemonia que cabia anteriormente à Áustria.

8. Elisabeth Amélia-Eugênia, cognominada Sissi, nasceu em 1837 e morreu assassinada em 1898. Casou-se com o imperador da Áustria Francisco José, a quem deu quatro filhos. Por sua graça, sua beleza, seu espírito, fez da Corte de Viena, nos primeiros anos de seu reinado, uma das mais brilhantes da Europa. Mais tarde, sob o efeito de desgostos íntimos e lutos familiares, afastou-se de todas as cerimônias oficiais, e terminou por passar a maior parte de sua vida em viagens. A morte de seu cunhado, o Imperador Maximiliano do México, a loucura de sua cunhada Charlotte, o assassinato de seu filho Rodolpho fizeram-na mergulhar em uma profunda tristeza. Uma última prova lhe estava reservada: a terrível morte de sua irmã, a Duquesa de Alençon, queimada viva no incêndio do Bazar de Charité, em Paris (4 de maio de 1897). Em 10 de setembro de 1898, Sissi foi apunhalada por um anarquista, em Genebra.

9. Francisco-José I, imperador da Áustria (1830-1916), teve de presidir, durante seu reinado — que foi dos mais longos da História — às imensas transformações pelas quais passou seu país, com a perda das possessões italianas e a derrota de Sadowa face à Prússia. Como homem, foi cruelmente golpeado em suas afeições pela morte trágica de seu filho Rodolpho (1889) e o assassinato de sua esposa Elisabeth (1898). No fim de sua vida, em 1914, estourou a Primeira Guerra Mundial, em seguida ao assassinato, em Serajevo, do arquiduque-herdeiro Francisco Ferdinando, por um agitador sérvio. Extinguiu-se com 86 anos, em 21 de novembro de 1916.

10. São João Bosco enviou ao imperador Francisco José uma carta, datada de 24 de maio de 1873, com o seguinte teor: *"Isto diz o Senhor ao Imperador da Austria: "Cobra ânimo: zela por meus servos fiéis e por ti mesmo. Minha ira está para estalar sobre todas as nações da Terra, porque se quer fazer olvidar minha lei e levar em triunfo os que a profanam, oprimir os que a observam. Queres tu ser a vara de meu poder? Queres cumprir minhas vontades arcanas e tornar-te benfeitor da humanidade? Apóia-te nas nações do Norte, mas não na Prússia. Estreita relações com a Rússia, mas não faças nenhuma aliança com ela. Associa-te à França católica. Atrás da França virá a Espanha. Formai um*

só espírito, uma só ação. Sumo segredo com os inimigos de meu santo nome. Com prudência e com energia vos tornareis invencíveis. Não creias nas mentiras dos que te dizem o contrário. Não pactues com os inimigos do Crucificado. Espera e confia em mim, que sou Quem dá as vitórias aos exércitos, o salvador dos povos e dos soberanos. Amém. Amém" (Biografía y escritos de San Juan Bosco, B.A.C., Madrid, 1967, p. 899).

11. Guilherme II, imperador da Alemanha, traçou da imperatriz Elisabeth (Sissi) uma descrição digna de nota: "Eu olhava, como que fascinado, para este belo rosto enquadrado por cabelos negros. Eu estava tão impressionado que foi preciso que minha mãe me advertisse para lembrar-me de que deveria oscular a mão desta grande dama. Ela sorria, cheia de bondade. Eu estava pasmo por esta aparição. A imperatriz não se sentava mas se colocava majestosamente; ela não se levantava mas se elevava; ela não andava mas avançava com dignidade". Também merece ser conhecido o retrato que dela fez a princesa Louise da Bélgica: "Jamais tornei a ver sorriso semelhante ao seu. Ele encantava e perturbava, tanto era doce e profundo. Ela era bela de uma beleza do Além, com qualquer coisa de imaterial na pureza dos traços e das linhas do corpo. Ninguém caminhava como ela. Não se percebia o movimento das pernas. Ela avançava deslizando; ela parecia planar à flor do solo com uma graça infinita. A imperatriz Elisabeth tinha verdadeiramente esta inimitável graça, e seus grandes olhos castanhos de tal forma apaziguavam e falavam uma linguagem nobre, que pareciam exprimir as virtudes teologais: a Fé, a Esperança e a Caridade".

12. *Atteggiamento*: do italiano. Aqui significa postura, procedimento.

13. Trata-se do célebre Edmund Burke (1729-1797), que escreveu: "Fazem já dezasseis ou dezassete anos que vi a Rainha de França, em Versailles, quando era ainda Delfina; sem dúvida, nunca tinha descido a este mundo — que ela mal parecia tocar — uma visão mais deleitável. Vi-a precisamente despontar no horizonte, adornando e animando a elevada esfera na qual começava a mover-se, cintilando

*como a estrela matutina, cheia de vida, esplendor e alegria. Oh! que revolução! E que coração precisaria ter eu para contemplar sem emoção tal ascensão e tal queda! Não podia sequer sonhar — quando ela inspirava não só a veneração mas também um amor entusiástico, distante e cheio de respeito — que alguma vez ela se veria obrigada a levar, escondido no seu seio, o pungente antídoto contra o opróbio. Não podia imaginar que viveria para ver semelhantes desgraças abaterem-se sobre ela numa nação de homens galhardos, numa nação de homens honrados e de cavaleiros. Supus que dez mil espadas teriam saltado para fora das suas bainhas para vingar tão somente um olhar que a ameaçasse de um insulto. Porém a era da Cavalaria passou. Sucedeu-a a dos sofistas, economistas e calculistas; e a glória da Europa está extinta para sempre. Nunca, nunca mais contemplaremos aquela generosa lealdade para com a categoria e o sexo frágil, aquela ufana submissão, aquela obediência dignificada, aquela subordinação do coração, que mantinha vivo, até na própria servidão, o espírito de uma liberdade enaltecida. A inapreciável graça da vida, a pronta defesa das nações, o cultivo de sentimentos varonis e de empreendimentos heróicos, desapareceram. Desapareceu aquela sensibilidade de princípios, aquela castidade da honra, que sentia uma mácula como uma ferida, que inspirava a coragem ao mesmo tempo que mitigava a ferocidade, que nobilitava tudo aquilo que tocava, e sob a qual o próprio vício, perdendo tudo o que tem de grosseiro, perdia a metade da sua maldade”* (Reflections on the Revolution in France, in Two Classics of the French Revolution, Anchor Books — Doubleday, Nova Iorque, 1989, p. 89)

14. A palavra *metafísico*, aqui tomada em seu sentido etimológico, significa: qualidade do que vai além do físico.

15. Escrito em 1951.

16. *Racé*: do francês. Que tem raça, que descende de ancestrais ilustres e o demonstra por sua maneira de ser.

17. Maria Clotilde Adelaide de Bourbon (1759-1802), neta de Luis XV e irmã de Luis XVI, foi rainha da Sardenha.

Morta em odor de santidade, o Papa Pio VII a declarou Venerável em 1808, ou seja, apenas quatro anos após seu passamento. Por injunções políticas sua causa de beatificação só foi retomada em 1972. Dez anos depois, a Santa Sé promulgou o decreto reconhecendo a heroicidade de suas virtudes.

18. Lady Diana Spencer (1961-1997), casada com o Príncipe de Gales, e depois dele divorciada. A essa vida, que terminou numa horrível tragédia após o desaparecimento do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira (+1995), talvez se apliquem alguns dos comentários feitos por este às catástrofes que marcaram as existências de Luis II e da imperatriz Elisabeth.

19. Escrito em 1993.

20. *Microlice*: esse termo, bastante usado no jargão interno da TFP, exprime uma espécie de megalomania ao revés. A pessoa afetada por este mal só se preocupa com pequenas coisas, enquanto o paranóico é maníaco de grandeza. A "microlice" e a megalomania têm muito em comum: ambas constituem formas de só pensar em si. Ambas conduzem a violação do Primeiro Mandamento, amar a Deus sobre todas as coisas.

21. A matéria deste "Panorama" foi quase toda extraída de anotação de conferência proferida pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em 8-4-1979. "Elisabeth, princesinha...", e "Maria Clotilde...", o foram de "Catolicismo", nos 13 e 4, respectivamente. O tópico sobre Lady Diana o foi do cap. VII de "Nobreza e elites tradicionais análogas", sendo todos os pensamentos, deste capítulo como de todo este livro, de autoria do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

VI

No mirante



## O Sr. Visconde na barca



O Visconde de Taunay<sup>1</sup> faz uma narração pitoresca de uma travessia de barca do Rio de Janeiro a Niterói. Sabem qual foi seu passatempo durante a

*viagem? Teria ele percorrido o panorama? Não, nem um pouco.*

ELE SABIA QUE O HOMEM É  
MAIS INTERESSANTE DO QUE  
QUALQUER PANORAMA, E QUE  
MAIS VALE UM ROSTO  
DO QUE UM MORRO.

*Dentro daquela barca, que naquele tempo andava cheia, passou todo o tempo a olhar as pessoas estudando a inteligência de Deus, que com poucos traços fez tantos rostos diferentes.*

*O Visconde de Taunay se comprazia em admirar o homem e, no homem, a variedade. Hoje podem passar milhares de turistas pela Guanabara, e nenhum pensa nisso.*

*Ao ver pessoas, não pensam em sua variedade, porque o homem igualitário de nossos dias tem complexo contra a variedade, e não foi habituado a apreciá-la; não consegue vê-la como riqueza, como valor. Só consegue ver valor na uniformidade.*

*As almas são ainda muito mais desiguais do que os corpos, e o são profundamente.*

*Como é interessante admirar-se a desigualdade das almas!*

## Conhecer as psicologias, ler as fisionomias

**É** preciso compreender que as almas são a única coisa que verdadeiramente vale no mundo.

O ÚLTIMO E MAIS ALTO  
SENTIDO DO BELO NÃO  
VEM A SER OUTRA COISA  
SENÃO UMA ANALOGIA COM A  
VIRTUDE E UMA EXPRESSÃO  
DE CERTO ESTADO  
DO ESPÍRITO HUMANO.

*A fisionomia é a alma enquanto refletida no corpo. Se não tivermos o espírito aberto para esse amor às almas, para essa sede das almas (a palavra amor está tão profanada, que eu prefiro a expressão sede das almas — ela exprime o amor no que este tem de mais atuante), passaremos pela*

*vida como cegos, não veremos nada e não viveremos.*

*Considero uma pessoa incapaz de conhecer fisionomias, tão digna de comiseração como por exemplo um cego, porque essa pessoa é cega para a mais alta forma de realidades.*

O CONHECIMENTO DAS  
FISIONOMIAS É A MAIS ALTA  
FORMA DE COGNIÇÃO QUE O  
HOMEM PODE TER NA TERRA.

## Ponderado como Turenne, fulminante como Condé

**T**omemos, por exemplo, dois tipos de almas: Condé e Turenne<sup>2</sup>.

*Turenne era um general que fazia seus planos e, com muito vagar, muito critério, os aplicava.*



*Condé era o general fulminante, que por assim dizer não fazia plano algum. Ele tinha um imenso nariz, de ave de rapina, que dava*

*para farejar tudo; chegando ao campo de batalha, cheirava um pouco e decidia o que ia fazer. Isto deliciava seus contemporâneos.*

*A diferença entre Turenne e Condé foi por eles comentada de todos os modos.*

*Hoje em dia ouviu alguém comentar, por exemplo, a diferença entre Montgomery<sup>3</sup> e Eisenhower<sup>4</sup>?*



Montgomery



Eisenhower

*Ganharam batalhas, e é só o que se sabe.*

*Nem mesmo passou pela cabeça de alguém saber como seria a alma de um e de outro.*



## Os român- ticos

**O** modo romântico de considerar a amizade se funda no prazer da afinidade.

*O romântico sente necessidade de um contato de alma, quer para se completar, quer para sentir afinidade.*

*O romântico, sobretudo latino, não se contenta com metafísica\*, mas procura a amizade, e muitas vezes a boemia.*

*O país que mais romantizou a amizade foi a Alemanha.*

*Um exemplo foram aquelas marchas cerradas de alemães que vão para a morte, fazendo "Parademarsch"<sup>5</sup>. A metralha vai dizimando, e eles continuam a andar.*

*Morrem numa espécie de ebriedade de se sentirem juntos; de, juntos, caminharem para a morte; e de terem superado, por esta forma, até esse extremo, o abismo que separa uma alma da outra.*

*Outra cena característica — para brasileiros, incompreensível — é a de dois alemães tomando chopp.*



*Estão conversando sobre um tema qualquer, um negócio, ou sobre um músico predileto, e chegam a um acordo sobre o músico, sobre um partido político ou um filósofo.*

*Quando chegam a uma conclusão e caem em acordo, levantam o chopp, batem os canecos. Tomam, e ficam um pouco quietos, gozando a sublimidade do momento a que chegaram.*

*É o deleite de sentirem a semelhança de um com o outro.*

## **O mal do sentimentalismo**

**O** *mal do sentimentalismo está em julgar que a plenitude divina que se deve procurar, mora em outra pessoa, e só nela.*

*Essa plenitude divina, ela deveria procurar de outra maneira, em Nosso Senhor Jesus Cristo.*

*O romântico transfere para uma pessoa determinada a saudades de Deus que deveria ter.*

O SENTIMENTALISMO É  
EMINENTEMENTE ISOLACIONISTA:  
DUAS PESSOAS SÓS, EM LUGAR  
AFASTADO, CONTEMPLANDO-SE UM  
AO OUTRO, E IGNORANDO  
TUDO EM TORNO.

*Uma alma verdadeiramente católica e verdadeiramente aberta não é dada a formar balainhos de relações.*

*A Causa católica, no fundo, consiste em procurar que todas as almas estejam em consonância com aquele Divino Arquétipo\*, que sirvo como vassalo, e cuja irradiação sobre todos os outros, que também são vassalos dEle, eu desejo simplesmente porque sou vassalo.*

## No ambiente dos Buissonnets

*Onde se sente uma forma assim de convívio de alma muito elevado, no ambiente do romantismo, mas sem seus defeitos, é nos Buissonnets de Santa Teresinha do Menino Jesus<sup>6</sup>.*



*Quando se vai aos Buissonnets, sente-se aquele ambiente da “História de uma Alma”.*

*É uma coisa curiosa mas, para mim, os Buissonnets falaram menos de Santa Teresinha diretamente, do que dela vista em seu pai<sup>7</sup>.*

*A grande presença ali é de Monsieur Martin, o que se compreende, aliás, sendo ele o dono da casa.*



*O que estava embebido de notas religiosas na família de Santa Teresinha, na família romântica apresentava-se com notas de puro afeto humano.*

## Às margens do Reno

**O** alemão do sul, que é um tanto influenciado pela atmosfera latina, se embriaga em cervejaria, cantando. Mas um prussiano, não: vai sozinho para uma floresta, senta-se debaixo de um pinheiro e bebe — isso no meio de elaborações metafísicas\*, porque o alemão jamais deixa a metafísica\*.

*Existe a lenda da Lorelei. Uma mulher muito bonita, sentada no alto de um rochedo às margens do rio, penteando os cabelos dourados com um pente dourado, e cantando.*

*É uma mulher malfazeja, uma virgem malvada, porque os pescadores do Reno, quando a noite começa a baixar, e o Reno começa a correr no silêncio, sozinho — vê-se o wagneriano da cena — ouvem-na cantando uma melodia sedutora, acariciante e ondulada como as ondas do rio.*

*Atraídos,  
fazem os  
barcos  
rumar em  
sua dire-  
ção, ba-  
tem em  
pedras e  
morrem.*

*A Lorelei,  
malvada,  
fica feliz.*

*E o Reno  
continua  
a correr.*



O Rio Reno. À esquerda, o rochedo da Lorelei

*Vê-se que esse tipo humano gosta de  
meditar num princípio eterno,  
metafísico\*, da maldade humana e  
em coisas do gênero.*

*Mas é coisa a ser feita sozinho, sem  
companhia, deixando de lado o ins-  
tinto de sociabilidade.*

## Uma visão wagneriana

**É** censurável ou não o homem que pensa no Reno a correr sozinho durante a noite, em todos os mistérios, em tudo aquilo que pode simbolizar um rio caudaloso e profundo que, sem ser olhado por ninguém, flui nas trevas?

*Eu aplaudo, acho que é um modo elevado, um modo nobre de ver as coisas, e esse é um dos mil lados por onde eu gosto da cultura alemã.*

*Um alemão se coloca, por exemplo, no litoral do Báltico, vendo uns pinheirais nativos da região litorânea, descendo em encosta até a água, que ferve gélida junto a algumas pedras. No silêncio vazio da natureza, ele se extasia com a poesia da hecatombe, com finais wagnerianos, trágicos. Isto é ou não é um modo elevado de ver as coisas? Ou Beethoven musicando a tempestade? Ou Wagner, que tem mais*



*categoria do que o anterior — como "pensador", senão como músico?*

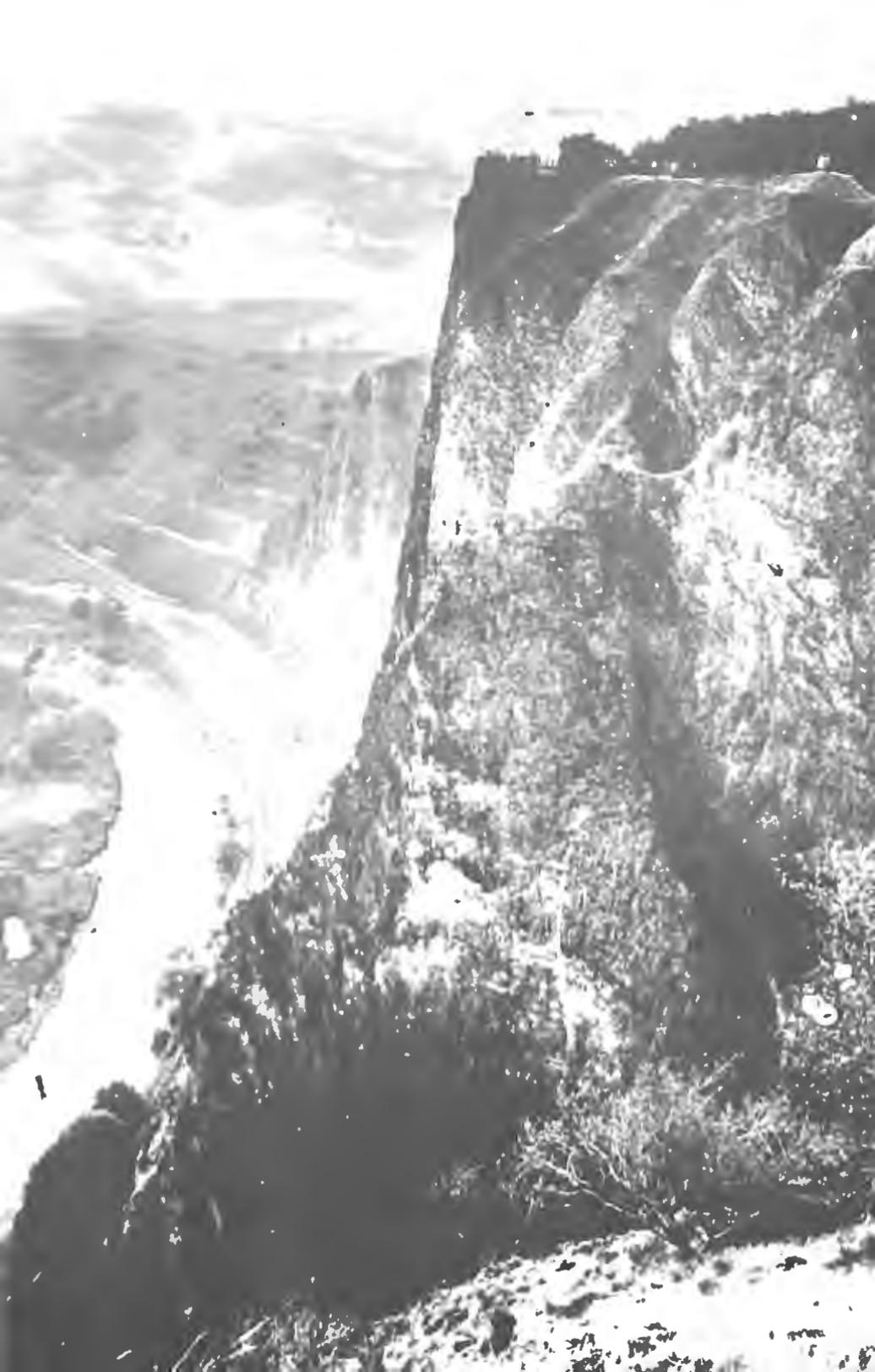
*Afinal de contas, é um modo de ver como todas essas coisas são símbolos de realidades de caráter metafísico\* superior.*

*No Reno que corre à noite, caudaloso, pode observar-se uma ordem natural das coisas, válida e independente do juízo que dela os homens possam fazer.*

*Pode considerar-se que o Reno não existiria desse modo, se não houvesse um espectador com E maiúsculo, que o vê e para o qual ele corre.*

*Em outras palavras, se não houvesse um Autor que o tivesse feito.*

*É uma coisa evidente: algo fala de Deus.*



*Dentro dessa posição metafísica\* ou wagneriana — se quiséssemos rotulá-la assim — o homem pode tomar uma atitude ordenada e outra desordenada, como pode fazê-lo diante de tudo. Em face de tudo há uma ordem e uma desordem. Trata-se então de perguntar como é uma e outra posição.*

## **Bebendo a si próprio**

**A** posição desordenada consistiria em dizer: — "Eu captei, eu percebi o mistério desse Reno que corre durante a noite; notei o mistério desses pinheiros; percebi a beleza disto. Como minha alma se sente grande ao considerar esse mistério! Como eu subo e cresço, desenvolvendo-me na meditação disso! Como é um manjar superior para meu espírito! E como me enlevo com a grandeza que adquiri assim! Como me inebrio com essa grandeza, como me torno radioso com a grandeza que adquiri!"

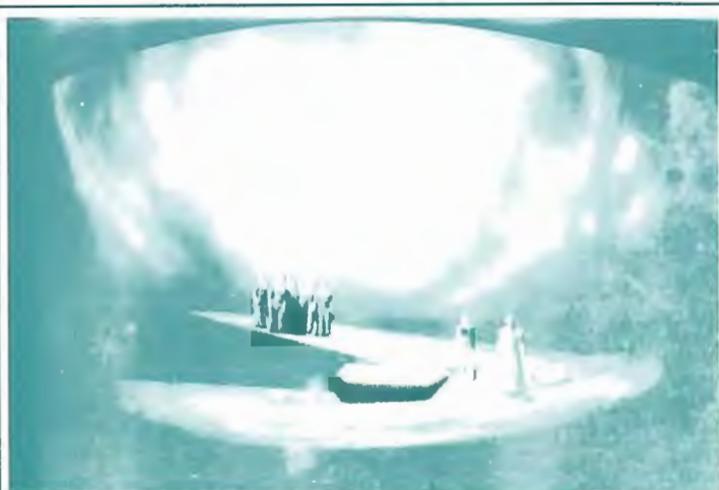


Ó TERMO FINAL DA  
MEDITAÇÃO DEFECTIVA NÃO É  
O RENO, NEM É DEUS QUE  
CRIOU O RENO, E É O DIVINO  
ESPECTADOR, DIANTE DO  
QUAL O RENO CORRE, MAS É  
A PRÓPRIA PESSOA.

*Essa posição leva o homem a fechar-se. Ele pensa o seguinte:*

— "Oh, outros homens estultos! Passo desconhecido por este mundo, mas não comunico a vocês o oceano que levo dentro de mim. Eu vi, eu sei. Dentro do meu espírito habitam esses valores que vocês, ricos vulgares ou plebe ignara, são incapazes de compreender".

"Quando a orquestra toca Wagner, olho com piedade para todos os outros, porque só eu o compreendi".



"Na minha alma há um santuário interior, no qual esses valores repercutem. E nesse santuário há um ídolo. Esse ídolo sou Eu. Eu me adoro, tendo captado isso".

*Não há sede das almas, nem sede de Deus. "Eu me dessedento em mim. Eu me bebo!" — é uma coisa monstruosa, mas "eu me nutro de mim".*

*É como uma pessoa que começasse a comer seus próprios dedos e seus próprios braços. "Eu não preciso de nada, nem de ninguém, o termo final de minha meditação sou eu".*



*O indiferente*  
A. F. WATTEAU

## Os indiferentes

*O* instinto de sociabilidade, depois de ter passado por um processo de degradação, de hipertrofia, com o romantismo,

*transformou-se em nossos dias num mero gregarismo.*

*Há pessoas cuja vida se passa pouco mais ou menos indiferente às outras almas.*

*Buscam apenas utilidades, que podem ser, naturalmente, de diversas formas: saúde, conforto, prestígio, popularidade.*

*Não têm a menor necessidade, nem de semelhanças, nem de dissemelhanças.*

*São fechadas em si, como numa torre, e não se incomodam em ter convívio com outros, quer semelhantes, quer dissemelhantes.*

## **Bebendo utilidades**

**A** indiferença é uma maneira de ser mais vil que o sentimentalismo, porque é uma pura forma de utilitarismo do corpo e, enquanto diz respeito ao corpo, é evidentemente mais baixo do que o que diz respeito à alma, não deixando o romantismo de ser também errado<sup>8</sup>.

*O desejo de ser adorado por outrem ainda representa uma forma menos vil de egoísmo do que o egoísmo puramente utilitário. O egoísta utilitário parece dizer:*

— "Eu tenho tudo o que quero, estou bem equipado. Portanto, não preciso de mais nada, nem de ninguém".



## Calvino, o auto- suficiente

*Calvino<sup>9</sup>, por exemplo, era um homem que poderia passar dez mil anos sozinho.*

*Para ele,  
nem  
o aplauso  
alheio era  
coisa muito  
importante.  
O funda-  
mental era  
aplaudir-se  
a si próprio.*



Grant Wood  
American Gothic (1930)

*No calvinismo  
há uma espécie de auto-suficiência  
mórbida, doentia, que quebra os vín-  
culos das almas entre si. É desneces-  
sário lembrar a diferença desse espíri-  
to com o do monge...*

## O tipo “standardizado”, aquele que não pensa

*Certo tipo moderno atinge o extremo da indiferença, porque somente busca a pura utilidade material.*

*Sozinho ou em companhia  
ele não pensa.*

*Quando procura companhia, realmente é para fugir de um pouco de alma que possa aparecer nele, e afogar-se no barulho.*

*O tecnolatra não pensa em nada,  
nem sozinho nem junto com outros.*

*É-lhe indiferente estar isolado ou em  
companhia.*



## Os que se embebedam sozinhos...

**H**á certo tipo de inglês ou escocês que tem um procedimento para nós, latinos, inconcebível. Aos domingos, compra garrafas de whisky para se embebedar, tranca-se no quarto e passa o dia bebendo. Depois, dorme. Na Segunda-feira, tendo já "cozinhad" a bebedeira, sai.

*Para os vizinhos, é um senhor muito respeitável, que passou todo o Domingo no seu quarto. De fato, passou bêbado, cantou, caiu, quase morreu. Mas Segunda-feira, pontualmente, a bebedeira está reabsorvida e ele vai para o emprego, apenas com o nariz um pouco vermelho: é o respeitável Mister X.*

*Ele não precisou de companhia. Para os latinos, embebedar-se sozinho não acontece. Para todos os povos*

*onde a proporção de sangue anglo-saxão é muito pequena, isso não sucede, é inconcebível.*

*Nunca ouvi falar de um brasileiro que se tranca no quarto e se embebeda sozinho; acho que ele nem admite essa possibilidade.*

*Talvez isso pudesse acontecer se ele fosse um prisioneiro: não podendo sair, poderia embebedar-se sozinho.*

*Mesmo neste caso, seria capaz de fazer um ato de heroísmo para ter companhia; escavar um túnel para alcançar o vizinho de cela, para passar a metade da bebida afim de se embriagarem juntos. Pois não compreende o prazer de uma pura degustação material sozinho.*



## A família-cooperativa

**H**á outros modos de ser, antigos e modernos, que mostram que se vai descambiando do utilitarismo espiritual para o utilitarismo material. Antigamente, por exemplo, a vida familiar era tal, que o convívio de alma era coisa muito intensa, e passava até por ser a principal finalidade da vida de família.

Hoje, esse convívio vem se tornando cada vez menos estreito entre parentes. Pelo contrário, a permuta de vantagens práticas vai sendo cada vez mais básica nas relações entre eles.

Quer dizer, a família vai refluindo do espírito para a matéria.





## A chave do problema

*Qual é a posição ordenada? — A que consiste na abnegação.*

*Diante de tudo que é belo e grande,  
deve haver um primeiro movimento  
de enlevo. E depois do conhecimento,  
uma veneração.*

— "Que coisa enorme! Como, por detrás disso, há um Deus, único e verdadeiro, do qual isso não é senão um símbolo e uma manifestação, insuficiente e contingente, como todo símbolo e toda manifestação! Como em Deus isso existe, mas de um modo incrível, e de um modo que eu nem posso imaginar como é! Como venero esse Deus que é assim!"

*Não é só admiração e respeito, mas também ternura e amor.*

— "Como Ele é superior a mim!  
Como é adorável amar alguém tão

superior, que me ajuda a sair de dentro de minha própria charneca<sup>10</sup>, de minha miséria, de minha contingência, para amá-Lo desinteressadamente, apenas porque Ele é Ele, sem mais nada, sem outra consideração".

*É certo que, nessa posição desinteressada, encontro a satisfação de tudo o que a minha alma precisa. Acho a divina afinidade comigo mesmo, e encontro também a divina dissemelhança em relação a mim.*

URGE RECONHECER  
AS SUBLIMIDADES E  
EXCELSITUDES DE DEUS,  
POR CIMA E COMO FIM  
DO CAMINHO DE TODAS  
AS SUBLIMIDADES E  
EXCELSITUDES QUE PODEM  
SER CONSIDERADAS.

## A admiração leva ao amor



**É** preciso começar por mostrar Deus enquanto admirável, para depois mostrá-Lo enquanto amável, porque de fato não se ama inteiramente senão aquilo que se admirou inteiramente.

O PRIMEIRO  
ELEMENTO DO AMOR  
É A ADMIRAÇÃO.

*O mandamento "amar a Deus sobre todas as coisas" inclui "admirar a Deus sobre todas as coisas".*

## A sede das almas

**P**or mais bonita que seja a natureza, todas as suas belezas são menos belas do que a alma humana.

*O homem, considerado em si, como um ser que pensa, que é capaz de pensar e de querer, e de tomar atitude própria perante as coisas, vale incomensuravelmente mais do que as coisas perante as quais esse ser toma posição.*



*Quer dizer, vale mais Wagner — em relação a quem, aliás, tenho restrições — musicando o Reno, do que o próprio Reno.*

*É uma questão de afinidade, que é invencível, que tem suas raízes na própria metafísica: aquilo que toca aos seres da minha mesma natureza, toca a mim mesmo — não por egoísmo, mas por conaturalidade.*

## A vibração dos cristais

*Se se bate num cristal e se obtém um som, os outros cristais capazes de emitir a mesma nota também vibram. É o fenômeno da consonância, que supõe a conaturalidade, a participação numa mesma natureza.*

*Por análoga razão, quando tenho o "sensus animarum"<sup>11</sup> e, através dele, subo até Deus, depois da vontade de me unir a Ele nada desejo mais do que serem as outras almas também possuídas por Ele. Serem, por assim dizer, "deiformes".*

*Compreendo, a bem dizer na minha própria natureza, como é horrível que aquela alma não seja segundo Deus. Compreendo a injúria que há nisso.*

*Por esse amor em relação a Deus, atuando e movimentando minha conaturalidade com os outros homens, tenho a sede das almas.*



## O que é o senso psicológico

**T**ornamo-nos psicólogos — às vezes com o auxílio da graça — quando somos tão exigentes em ter uma imagem bem precisa de como é Deus, em ter uma idéia tão exigente do que é a conformidade com Deus, e tão intransigente em relação à desconformidade com Deus, que passamos a sentir essas características nos outros.

*Daí vem o senso psicológico e o amor às almas.*

*Tomemos o exemplo de um músico ouvindo um coral. Se é bom músico, percebe imediatamente quando a nota está errada. Um de nós, por exemplo, pode ouvir e não perceber. — Por quê? — Porque os valores da música estão de tal maneira presentes em seu espírito, ele detesta de tal maneira a cacofonia, que se torna perspicaz, à força de conaturalidade, de amor e de execração. Isto se transpõe para o amor de Deus.*

O SENSO PSICOLÓGICO  
NÃO É OUTRA COISA SENÃO  
NOTAR A HARMONIA OU A  
CACOFONIA DA RELAÇÃO  
DAS ALMAS ENTRE SI.

*E é por causa disso que, em geral, as pessoas que têm muita sede das almas têm senso psicológico. Com um nível maior ou menor de explicitação, de intelectualização.*

*Por causa disso, nunca se ouviu contar o caso de um santo — embora vários deles fossem homens do povo, rudes e ignorantes — que não tenha tido esse senso para tratar com as almas. Esse tato, essa finura, esse discernimento.*

SE NÃO SOUBERMOS  
SENTIR AS ALMAS, NÃO  
SABEREMOS QUERÊ-LAS.  
O MUNDO DELAS ESTARÁ  
FECHADO PARA NÓS, E  
O RESULTADO SERÁ  
QUE NÃO TEREMOS  
SEDE DAS ALMAS.

*São João Bosco  
tinha por divisa:  
"Da mihi animas,  
coetera tolle" —  
Dai-me as almas, e  
tirai-me todo o  
resto. Não deve-  
mos nos incomo-  
dar com o resto, e  
pedir as almas.*



*Pedir para Deus,  
não para nós<sup>12</sup>.*

# NOTAS

1. Alfredo d'Escragno Taunay (1843-1899), Visconde do mesmo nome, militar e escritor, é o autor da "Retirada da Laguna". Fez parte da Academia Brasileira de Letras.

2. Turenne(1611-1675) e Condé (1621-1686), ambos homens de guerra dos mais ilustres da História francesa e do mundo, encarnavam dois modos de lutar: o primeiro era refletido, metódico e persistente, enquanto o Grand Condé tudo avassalava pelo ímpeto e pelo golpe de vista instantâneo. Deste, disse Bossuet que "*trazia a vitória nos olhos*".

3. Montgomery comandou, na II Guerra Mundial, o VIII Exército inglês, tendo vencido Rommel na batalha de El-Alamein em 23-10-1942.

4. Dwight D. Eisenhower (1890-1969), general durante a Segunda Guerra Mundial, foi Presidente dos Estados Unidos de 1953 a 1961.

5. *Parademarsch*: do alemão. Desfile militar.

6. Os *Buissonnets* eram a moradia da família de Santa Teresa do Menino Jesus (Santa Teresinha, 1873-1897), em Lisieux.

7. Louis Martin, pai de Santa Teresinha, casado com Zélie Guérin.

8. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira gostava de citar o dito de um francês, segundo o qual o sentimentalismo é como um egoísmo a dois.

9. João Calvino (1509-1564) fundou o ramo do Protestantismo mais famoso por seu rigorismo estreito e frio.

10. Charneca: terreno árido e inculto, em que só crescem plantas rasteiras e silvestres (Silveira Bueno). O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira não raro utilizava palavras pouco usuais, apenas pelo sugestivo de sua sonoridade. É o que se vê aqui com a palavra charneca, que carrega consigo as conotações desagradáveis de algo baixo, plano e coberto por uma vegetação inóspita.

11. *Sensus animarum*: do latim. Senso, compreensão das almas.

12. Os pensamentos que compõem este "Panorama" foram extraídos de duas conferências pronunciadas por Prof. Plínio Corrêa de Oliveira em maio de 1968, a que ele deu o título de "A sede de almas". Foram publicadas na "Circular aos sócios e militantes", ano VII, nº 5/6, de 13 de maio de 1972,

VII  
A  
"música"  
das almas  
com alma



## Secção primeira

# EU

### **Despertando para a vida, conhecendo-se a si mesmo**

**N**a alegria primeva, que tínhamos quando crianças, a alma se maravilha ao começar a perceber os diversos seres.

*Na inocência\* se tem o gáudio de quem começa a existir, como de quem acaba de se formar na mão de Deus.*

*Era como se a pessoa ainda sentisse em si as “marcas digitais” de Deus, que acabou de modelá-la.*



*É como um “Adãozinho” — infelizmente, fora do Paraíso — diante dos diversos seres que para ele dão uma impressão paradisíaca!*

*A grande alegria desse tempo era a impressão de, por assim dizer, estar*

*saindo das mãos de Deus e de encontrar outras criaturas. Como Deus as criou para nós, quando as encontramos temos a sensação de que Deus acabou de pô-las ali, naquele momento.*

*Trata-se de uma novidade cheia de luz e de eternidade.*

*Sobretudo algumas crianças — isso não é comum em qualquer criança — têm uma certa noção da nobreza de sua própria alma.*

*Não se trata, absolutamente, da idéia aristocrática terrena. Elas, olhando no fundo de si mesmas, percebem que existe alguma coisa de muito elevado e de muito nobre, que já habita ali. Eu acrescento, sem vacilação: de muito santo! Quer dizer, muito conforme à ordem sobrenatural.*

*A criança discerne em si mesma a própria graça de Deus, que pousa sobre ela toda, mas especialmente sobre aquilo por onde ela é especial-*

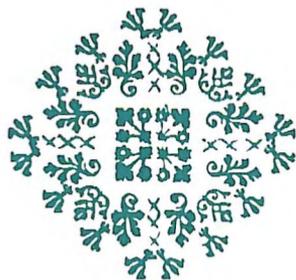


*mente ela  
mesma, e por  
onde ela é  
diferente de  
todo mundo.*

*A criança  
chega até a  
notar em si  
mesma algo  
de divino,  
entendido*

*em termos católicos<sup>1</sup>.*

*Imagino que uma criança, a partir  
dos três anos, já possa ter algo do que  
está explicado acima. Talvez antes,  
não sei.*



## Cada homem é único e irrepetível

**E**xiste um princípio profundo pelo qual cada um recebe, diretamente de Deus, alguma coisa que Ele não deu a ninguém.

*É seu próprio ser individual que faz com que em cada um a individualidade seja só sua entre todos os homens.*

*Cada um não só recebe isto, mas também o deve dar a todos.*

*As minhas semelhanças com os outros homens são embebidas de minha peculiaridade.*

*Todo homem, visto por algum lado, é só dissemelhança. Visto por outro lado, é só semelhança.*

## Secção segunda

# NÓS

**Um mosaico,  
uma música**

**A** mais alta finalidade das criaturas contingentes é representar a Deus.

*Para isso, é preciso que se apóiem umas nas outras a fim de formarem um todo, porque, caso contrário, elas não representam a Ele.*

*São como as peças de um mosaico que representam uma cena.*

*Ou as peças do mosaico estão articuladas entre si, ou são meros*

*caquinhos  
de esmalte  
ou de vidro.*

*É o reconhe-  
cimento  
harmônico  
da insu-  
ficiência e da  
complemen-  
taridade que  
acaba de  
nos dar a  
semelhança  
com Deus.*

*Das forças  
da nature-  
za, a que  
melhor re-  
presenta essa consonância  
é a atração mútua dos corpos,  
vencendo distâncias fabulosas  
para manter em ordem o que  
antipaticamente se chama de  
"mecânica celeste", e que é a har-  
monia celeste, a sinfonia celeste.*



*A sinfonia celeste tem ademais o encanto do fortuito: corpos celestes que vêm não se sabe de onde, vão para onde não se sabe, e atravessam espaços ordenados sem atrapalhar nada nem colidir com nada, como que violando todas as regras.*



## **Cada homem é como a matriz de uma música**

**O** homem, por definição, é um participante da arte. Assim como se diz que o homem é um animal político, se poderia dizer que o homem é um animal artístico, musical e poético<sup>2</sup>.

*O que há de harmonioso fora do homem pode ser visto como um prolongamento do que há internamente nele<sup>3</sup>.*

*Por isso, cada homem é como a matriz de uma música.*

## As relações humanas têm muito de sinfonias

**É** como a harmonia musical.

*O dó em relação ao mi tem qualquer coisa de afim e qualquer coisa de não afim. Da composição entre o afim e não-afim é que resulta a harmonia.*



*O universo musical tem uma especial beleza que corresponde a cada nota.*

*Contudo, é mais bonito haver sete notas do que apenas uma.*

*Mas é ainda mais bonito que se possa fazer uma música e um jogo entre essas sete notas.*



*Tenho então três gamas de beleza. E são essas três gamas que fazem a beleza do universo musical.*

*Com as cores dá-se o mesmo.*

*Há três formas de beleza: a de uma cor; a que decorre de haver várias cores; e a beleza especial que vem da combinação das cores entre si.*

## **Robinson precisava de "Sexta-Feira"**

**S***uponhamos que Robinson Crusoe<sup>4</sup> fosse um artista fantástico, diante do qual o índio Sexta-Feira se extasiasse. No dia em que Sexta-Feira morresse e ele percebesse que não iria mais cantar para alguém, porque Sexta-Feira não mais existia, nele começaria a definhar algo do talento.*

*Para esse fato poder-se-iam apresentar inúmeras explicações psicológicas. Sustento que decresceria algo, que é a receptividade, por assim dizer vibrátil, de Sexta-Feira interagindo com ele, e o convidando a produzir.*



## A cortesia, afinação das relações humanas

*Cada pessoa deve ser ela mesma.  
Cada um deve respeitar a personalidade do outro, sentir as afinidades e sentir as diferenças.*

*A cortesia é a perfeita afinidade de pessoas perfeitamente distintas umas das outras,*

*é a perfeita relação que passa por cima desse abismo que há de homem para homem,*

*é o laço cheio de respeito, de distinção, de afeto, que prende pessoas diferentes, e as coloca numa relação como as notas de uma música entre si.*

*Dir-se-ia que as notas de uma música estão em estado de cortesia umas com as outras.*

*Se as  
notas do  
teclado  
pudessem  
pensar,  
soando,  
elas se  
amariam.*

*Uma pes-  
soa passa  
diante de  
um piano  
que está*

*aberto, escorrega e se apóia sobre  
o piano para não cair. Sai um  
som horroroso. Parecido com  
uma descortesia...*

*A cortesia é a musicalidade das rela-  
ções humanas.*

*Nessa musicalidade cada um exprime  
sua personalidade apoiado pelo ou-  
tro. E todos crescem, todos brilham,  
cada um com a luz de sua personali-  
dade própria.*



O panteísmo, como quer despersonalizar os indivíduos, quer uma organização social em que os indivíduos fiquem reduzidos a números.

*Cada um é um número para o outro. Para fazer isso, é preciso que a cortesia morra, porque a cortesia é o contrário:*

*nasce da harmonia das coisas diferentes.*



*A Revolução, acabando com as diferenças, acaba com a cortesia. E*

*fica apenas essa correção fria que se tem para com um companheiro casual de viagem.*

*O outro não é um irmão, mas um concorrente. Em face do Estado, um contribuinte. O comunismo puro é a*



*pura falta de cortesia. Basta ver as caras de Breznev, Podgorny, etc. Quando estão em seu natural, mostram uma fisionomia sombria.*

*Se número pudesse ter cara seria aquilo*

## A conversa

**A** conversa é uma das artes mais importantes da vida humana.

*Passar a vida sem conversar, é fazer como um viajante que viaja sem olhar o panorama.*

*Conversando bem, tornamos agradável o nosso convívio e atraente o ambiente onde estamos.*

*Os antigos encontravam a razão de ser de sua vida em um convívio dos espíritos, e por isso aprimoravam muito a conversa, que se tornou uma verdadeira arte.*

*A concepção que havia antigamente é que se devia trabalhar durante o dia, para à noite estar sossegado, conversar e tratar de assuntos variados.*

*A arte da conversa foi levada ao seu apogeu na França no século XVIII.*



*A "música das almas":  
Siena - O banquete  
da Prova Geral, por ocasião  
do famoso Pálio*

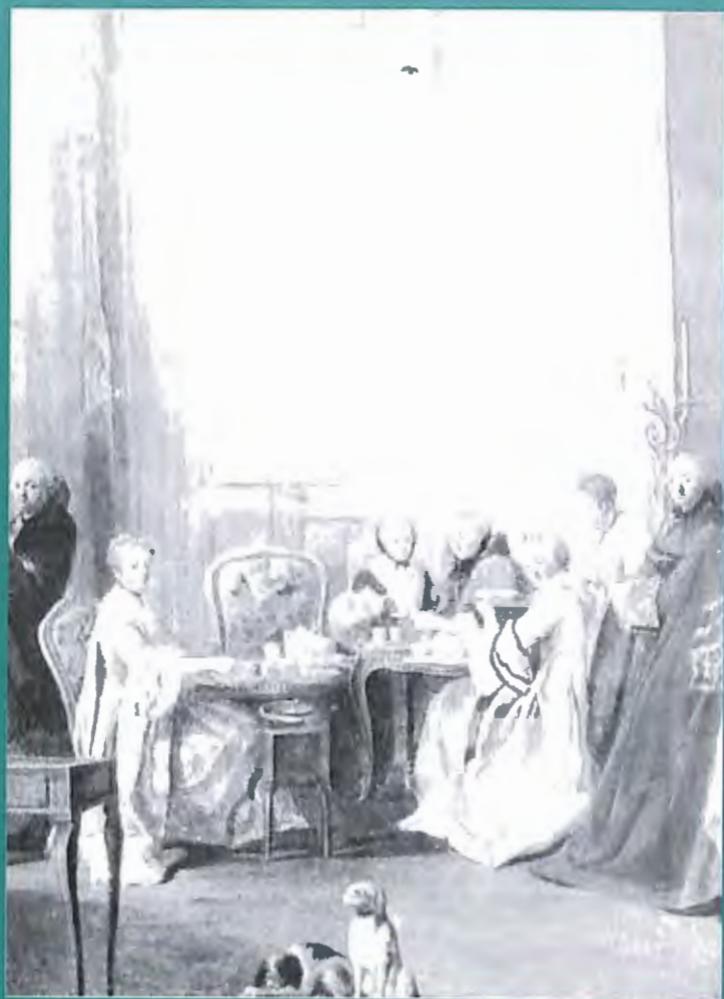
*Nunca se conversou tanto, nunca se conversou tão bem.*

*Hoje em dia, simplesmente não se sabe mais conversar. Ou a conversa é uma série de sordícies e de imoralidades, ou um conjunto de casinhos completamente sem importância. Não é raro dois ou três ficarem mudos juntos. Não se tem o que dizer, então fica-se mudo.*

## **O deleite da boa conversa**

**A** boa conversa é como salada de frutas. Ninguém imagina uma salada de frutas em que, numa bandeja grande, estão separadas as frutas por vários setores. O excelente da conversa é quando cada colherada traz um sabor próprio, uma surpresa diferente.

*Tem-se a sensação da variedade dentro da continuidade do pensamento, e a variedade consola da monotonia causada pela continuidade.*



*A "música das almas":*

*Chá à inglesa no salão  
da Princesa de Conti (detalhe)*

*Michel Bathélemy Ollivier*

*Sentir nascer no espírito do interlocutor um deleite irmão do nosso deleite constitui um dos grandes prazeres da conversa.*

*É como alguém que convida um amigo para jantar, e sente prazer em ver que ele está gostando do jantar que lhe oferecemos.*

*Apreciamos o jantar que estamos ofertando, mas gostamos também de ver que o outro o está apreciando.*

*Uma conversa sem ditos de espírito é como uma comida sem sal. Pode estar bem feita, com boa matéria-prima, mas não tem graça*

*Algo que belisca é necessário. A conversa não deve ser toda de beliscões, mas deve conter sal.*

## Harmonizando os instrumentos

**A** conversa leve e amena, realizada quase ao acaso nos momentos vagos, pode conter profunda seriedade, o que a distingue da prosa ociosa, que por sua própria natureza é frívola e superficial.

*Quando um violinista toca uma música, deve entrar algo de espontâneo, algo que ele sente e lhe agrada por algum lado. Mas se se deixar levar exclusivamente pelo sentimento, e não puser em prática as regras específicas da arte de tocar o seu instrumento, vai produzir uma barafunda de sons que não tem valor algum.*

*Conjugando o sentimento espontâneo dele com a arte de traduzi-lo em sons, de acordo com uma partitura e algumas regras, ele executará verdadeiramente boa música. O mesmo acontece com a arte de conversar.*

*O bom interlocutor deve ter o dom da comunicatividade, que supõe ter certo interesse pelo outro.*

*Não apenas para saber o que ele pensa, mas também para entender como é que pensa. Como é a pessoa dele, a mentalidade dele.*

*Acha interessante que o outro seja de um determinado modo, e tem certa afinidade com a maneira de ele ser.*

*Quando isto se dá dos dois lados, a conversa sai espontânea, natural, e pode durar horas.*

*Fazendo isso por amor ao próximo, estamos cumprindo o segundo Mandamento em importância: "... e ao próximo como a si mesmo".*

*Numa alternância agradável entre silêncio e troca de idéias, de impressões, de recordações, passeia-se através de vários assuntos, como se pode passear por um jardim onde se encon-*



*A "música das almas":  
húngaros conversam  
na cidade de Veszprem*

*tram flores variadas, animais interessantes, pássaros multicoloridos.*

*Quando percebemos que os interlocutores apreciam o tema de que estamos tratando, ocorre fenômeno semelhante ao da ressonância dos cristais, que vibram na mesma frequência do cristal que produziu um som.*

**Quando quero reter  
por mais tempo um visitante,  
falo sobre ele. Mas quando  
quero que se vá embora,  
falo sobre mim.**

## O melhor calmante

**H**á, na conversa, um momento em que um determinado ponto toca a todos, e que todos discernem as almas dos outros enquanto tocadas naquele ponto. Então a conversa sobe como uma chama!

*É muito curioso que esse tipo de conversa é mais calmante do que qualquer remédio que se tome...*

A CONVERSA É, PROPRIAMENTE,  
UM COMENTÁRIO CHEIO DE AMOR.  
UM DISCERNIMENTO QUE LEVA  
AO LOUVOR E, PORTANTO,  
TAMBÉM AO VITUPÉRIO.

*A conversa é um dos modos em que se realiza o “ut mentes nostras ad caelestia desideria erigas, te rogamus, audi nos”<sup>5</sup>.*

*O desejo das coisas celestes, nesta terra, se alimenta na boa conversa.*

*Quem se reúne a outros, para conversarem com espírito elevado, executa a ordem dada por Nosso Senhor Jesus Cristo: “Onde houver dois ou três de vós reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles”<sup>6</sup>.*



## A amizade

**N**ão podemos imaginar o gênero humano sem amizades.

*Seria conceber um gênero inumano.*

*O homem é feito de tal maneira que, quando está alegre e comunica sua alegria, ele dobra essa alegria; quando está triste e comunica sua tristeza, ele divide essa tristeza.*

*O verdadeiro sentido da amizade é o encontro de almas no fundo mais metafísico\* e religioso de si mesmas; as coisas repercutem sobre elas do mesmo modo, e se dá entre elas algo que é uma como que junção, uma como que fusão.*

*Realiza-se aquela expressão da Escritura: um amigo que ama o outro como sua própria alma<sup>7</sup>. O papel da amizade é esse.*

*A idéia cavalheiresca de amizade, de outrora, morreu! Hoje em dia quase só existe a convivência.*

*De lealdade, por exemplo, nem se pode mais falar, de tal maneira ela é transacta. Está morta.*

*Entretanto, é uma condição sem a qual o trato humano fica abaixo da crítica.*

*Em cada povo há certo modo de ter amizade, que inspira e condiciona até o fundo as instituições e o viver da nação: seus modos de fazer, seus hábitos, etc.*

*Não se conhece a fundo a história de uma nação sem conhecer como nela se põem as amizades e inimizades. É só atentando para esse aspecto que, por exemplo, se compreendem completamente os Estados Unidos.*

*A verdadeira amizade resulta de afinidades profundas e da necessida-*



*Dois homens contemplam a lua*  
C. D. Friedrich

*de de estabelecer um convívio que não é o de qualquer homem com qualquer outro, mas é deste homem com alguém, em virtude das peculiaridades que ambos possuem, e que fazem com que se compreendam e se queiram mais definidamente.*

## Como os pares de Carlos Magno

**O** tipo de amizade de alto quilate, que honra o homem, é a amizade que ligava Carlos Magno aos seus pares.

*Todos eles eram feitos para uma mesma missão, e eram complementares uns dos outros. Cada um sentia que a presença do outro na execução da própria obra era indispensável. A colaboração, compreendida assim, gera um querer bem e uma semelhança benfazeja.*

*Quando A vê que B fez certa coisa, é como se ele próprio tivesse feito. Não é, portanto, uma mera cooperação, mas um “sentir com”, que resulta em amizade.*

*Por exemplo, Nosso Senhor tinha com Lázaro, Maria e Marta uma amizade de convívio enorme. Por quê?*

*Porque Ele se deleitava com a companhia desses três.*

*O instinto de sociabilidade pede na sua excelência que se esteja relacionado de maneira estreita com algumas pessoas.*

*Por natureza, são poucas as amizades assim. Mas por isso também devem ser muito avidamente cultivadas, soignées<sup>8</sup>, porque valem muito.*

## O amor conjugal — divórcio e sentimentalismo

**Q**uem vê  
passar, em seu  
carro de cor  
risonha, o  
jovem — ou a  
jovem — desta  
era de lepidez,  
esporte e vita-  
minas, não  
achará que  
estamos a  
léguas do sentimentalismo?



*O jovem é robusto, alegre, parece bem instalado na vida, cheio de senso prático e do desejo de vencer.*

*A jovem é desembaraçada, empreendedora, utilitária, muitas vezes ardida. Também ela está alegre, sente-se bem, e quer “aproveitar” a existência.*



*Que há nela de comum com a dama de gênero lacrimojante que comovia nossos avós?*

*Mas, a despeito de todo o utilitarismo, o terreno reservado ao senti-*

*mento continua muito considerável.*

*E, se analisarmos este “sentimento”, veremos que ele não é senão uma adaptação muito superficial dos velhos temas sentimentais.*

*A questão da estabilidade do convívio conjugal depende de saber até que ponto o interesse ou o sentimentalismo podem levar os cônjuges a se suportar mutuamente.*

*O sentimentalismo é essencialmente frívolo. Ele não perdoa trivialidades.*

*De sorte que  
— para ir à  
carne viva da  
realidade é  
preciso  
exemplificar  
— um modo  
ridículo de  
roncar duran-  
te o sono, o  
mau hálito,  
qualquer ou-  
tra pequena miséria humana enfim,  
pode matar inapelavelmente um sen-  
timento romântico que resistiria às  
mais graves razões de queixa.*



*Ora, a vida quotidiana é um tecido  
de trivialidades, e não há pessoa que  
no convívio íntimo não as tenha mais  
ou menos difíceis de suportar.*

*E como o sentimentalismo, por essên-  
cia e por definição, é todo feito de  
ilusões, de afetos descontrolados e  
hipotéticos, por pessoas que só se-  
riam possíveis no mundo das quime-*

*ras, a conseqüência é que em pouco tempo os sentimentos, que eram a única base psicológica da estabilidade do convívio conjugal, se desfazem.*

*Uma pessoa nestas condições não desce ao fundo das coisas, não percebe o que há de substancialmente irrealizável em seus anelos, e julga pura e simplesmente que se enganou.*

*Entende ela, pois, que ainda pode encontrar em outrem a felicidade que o casamento não lhe deu.*

*De onde o divórcio lhe parecer absolutamente tão necessário quanto o ar, o pão ou a água.*

*Em última análise, sentimentalismo é apenas egoísmo.*

*O sentimental não procura senão sua própria felicidade, e só concebe o amor na medida em que o "outro" seja instrumento adequado a torná-lo feliz.*

*Sobre o egoísmo nada se constrói ...  
a família, menos ainda do que  
qualquer coisa.*

*É preciso pois mostrar a substancial  
diferença que vai da caridade cristã,  
toda feita de sobrenatural, de bom  
senso, de equilíbrio de alma, de triun-  
fo sobre os desregramentos da imagi-  
nação e dos sentidos, toda feita de  
piedade e de ascese enfim, para o  
amor sensual, egoístico, feito de des-  
controles, de sentimentalismo român-  
tico ainda tão em voga.*

ENQUANTO A CONCEPÇÃO  
SENTIMENTAL INFLUENCIAR  
IMPLÍCITA OU EXPLÍCITAMENTE  
A MENTALIDADE DOS NUBENTES,  
TODO O CASAMENTO  
SERÁ PRECÁRIO.

*Pois terá sido construído sobre o ter-  
reno essencialmente pegajoso, move-  
dido, vulcânico, do egoísmo humano.*

## O amor materno, sublimidade do gênero humano

**N**a ordem pessoal, a Providência dispôs uma afinidade e uma amizade de convívio que, salvo as exceções, é maior do que todas as outras: é entre filho e mãe.

*Esta afinidade entre a mãe e o filho não tem seu símile em nada, a não ser no arquétipo\*, que são as relações de Nosso Senhor com Nossa Senhora.*

*Este é o arquétipo\* e o sonho de todo católico em matéria de amizade.*

*A mãe ama seu filho quando é bom.  
Não o ama, porém, só por ser bom.  
Ama-o ainda quando mau.*

*Ama-o simplesmente por ser seu filho,  
carne de sua carne e sangue de  
seu sangue.*

*Ama-o generosamente, e até sem nenhuma retribuição.*

*Ama-o no berço, quando ainda não tem capacidade de merecer o amor que lhe é dado.*

*Ama-o ao longo da existência, ainda que ele suba ao fastígio da felicidade ou da glória, ou role pelos abismos do infortúnio e até do crime.*

*É seu filho, e está tudo dito.*

*Sabemos que a bênção da mãe é preciosa condição para que a prece do filho seja ouvida, sua alma seja rija e generosa, seu trabalho seja honesto e fecundo, seu lar seja puro e feliz, suas lutas sejam nobres e meritórias, suas venturas honradas, e seus infortúnios dignificantes.*



**A**gradeço a Nossa Senhora, e quão comovidamente, haver-me feito nascer de Dona Lucília.

*Eu a venerei e amei em todo limite do que era possível, e depois de sua morte não houve dia em que não a recordasse com saudades indizíveis.*

*Também à alma dela peço que me assista até o último momento com sua bondade inefável.*

*Espero encontrá-la no Céu, na coorte luminosa das almas que amaram mais especialmente Nossa Senhora<sup>9</sup>.*



**F**oram 60 anos de um convívio contínuo que era um céu sem nuvens, em que tudo não era de minha parte senão admiração para com ela, condescendência de parte dela para comigo, respeito de um e outro, dedicação, carinho, carinho, carinho. Um entender-se de sedosidade em



*Dona Lucilia Corrêa de Oliveira  
com sua neta Maria Alice*

*sedosidade, de harmonia em harmonia, de carinho aveludado em carinho aveludado.*

*O afeto de mamãe era envolvente e estável. Às vezes eu despertava à noite e notava sua presença ao lado de minha cabeceira, acariciando-me e fazendo Sinais-da-Cruz em minha testa antes de ela ir recolher-se. Era como um bálsamo perfumado e suavizante que me fazia um grande bem. Nunca diminuía, quaisquer que fossem o dia, a hora, as circunstâncias, suas condições de saúde.*

*Eu sentia poder contar com ela até o fim, fizesse o que fizesse.*

*Ela dava muito valor ao fato de as pessoas lhe quererem bem; mas, se não lhe quisessem, sua atitude era a mesma. Nunca guardava ressentimento de ninguém.*

*Ela [era] a dignidade sem fortuna, a doçura sem covardia, a*

*intransigência sem birteza, a nobreza  
sem arrogância.*

*Seu olhar refletia o brilho suave de  
todas as lágrimas que chorou.*

EU PERCEBIA QUE  
A FONTE DE SEU MODO DE SER  
ESTAVA EM SUA DEVOÇÃO AO  
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS,  
POR MEIO DE NOSSA SENHORA.

## Almas-planeta, almas- satélite

**N**a gravitação, os satélites são sustentados em seu movimento pela ação do planeta. Coisa análoga se dá com as pessoas: a alma-planeta é uma espécie de posto emissor de segurança, que sustenta o “satélite”.

*Quando a Humanidade entrou na noite da incerteza, os mil jogos das almas-planeta sustentaram nas certezas as almas-satélite<sup>10</sup>, ou seja, os espíritos inseguros.*

OS ESPÍRITOS MAIS ELEVADOS  
DEVEM SER PARA OS INFERIORES  
A RESPOSTA A UMA PERGUNTA,  
QUE É “A” PERGUNTA DA VIDA  
DELES. DEVEM SER AQUILO  
QUE PREENCHA UM VAZIO  
QUE EXISTE NA ALMA DELES.

Vê-se, por aí, que o maior crime que se pode cometer contra uma civilização é a supressão das superioridades, de maneira que as almas fiquem nessa orfandade, péssima e terrível, de não terem quem apareça e preencha o horizonte de suas vidas.

O espírito-planeta é o ponto “panoramático” da vida do satélite, ou seja, o ponto a partir de onde ele percebe melhor o panorama da vida. E que explica até o fundo as perguntas sem cujas respostas o viver não tem sentido.



## Um momento sagrado

**P**oderíamos imaginar um rapaz do tempo de Carlos Magno, que tenha o desejo de ser cavaleiro, mas sem a noção do que é exatamente a cavalaria.

*Está cavalcando pelas montanhas. Numa volta de caminho, ele vê passar, ao longe, Carlos Magno e seus cavaleiros.*

*Entusiasmado, ele vai correndo e presta ao imperador uma homenagem. Pede licença para entrar naquela coorte.*

*Este é um momento sagrado! É o momento em que aparece, de repente, o que lhe é mais semelhante — abstração feita da Igreja — mais adequado, que lhe explica a vida, e por onde ele encontra o caminho para Deus.*

*É como que um encontro com Deus.*

*Nesse momento, coloca-se em ordem o que, dentro de si, estava bramindo e gemendo sem poder se explicitar.*

*Nesse encontro, ele “vê” Deus, por uma espécie de semelhança que passará a orientar e a explicar a vida dele até o fundo.*

*Estabelece-se um comércio com Deus, que é um comércio com o que a alma tem de mais delicado, e ao mesmo tempo de mais forte. De maneira que, nesse comércio, todas as ternuras e também todos os vigores se instalam naturalmente.*

*Um cavaleiro assim seria capaz de confessar os seus pecados para um homem desses, embora sabendo que não se trata de receber uma absolvição. Um ato de suma intimidade, e ao mesmo tempo de suma ternura.*



## A alegria de ser pequeno e a de mandar

**N**ão devemos entender que a alegria de servir e de ser pequeno exclua a alegria de mandar ou de ser algo. E, conforme o caso, a alegria de mandar supremamente e de ser algo em grau supremo.

*Por exemplo, um padre pode ter alegria de ser promovido a Bispo?*

*Se for por se ver libertado da condição de ser pequeno e de servir, está mal feito.*

*De outro lado, a condição de Bispo dá ao homem algo a mais na relação com Deus. Essa condição é, para ele, honrosa e nobilitante em si.*

*Se é tão honroso servir a Deus, mais honroso é mandar em nome de Deus.*

*Portanto, há uma alegria de mandar.*



## Secção Terceira

# A Sociedade

### O "clic"

**D**eus quis fazer uma coleção de seres, esses seres existem com suas diferenças para darem uma imagem global de Deus, e se sustentam em Deus na medida em que O imitam.

*Cessando de O imitar, o ser perde sua razão de ser.*

*Quando a coleção" está completa, estabelece-se alguma coisa que é mais do que a soma dos indivíduos: por assim dizer, ouve-se um clic!*

*O clic importa  
em que se  
desatem várias  
virtualidades  
mais ou menos  
contidas  
em cada parte.*



*Imaginemos  
vários personagens  
dando-se as mãos e tentando fazer  
uma roda. Entra uma última pessoa,  
que completa a roda, e todas se põem  
a dançar...*

**Estando completa,  
a coleção por assim dizer  
estremece de alegria. De dentro  
de seus membros, algo  
se libertou. Por assim dizer,  
ouviu-se um *clic*.**

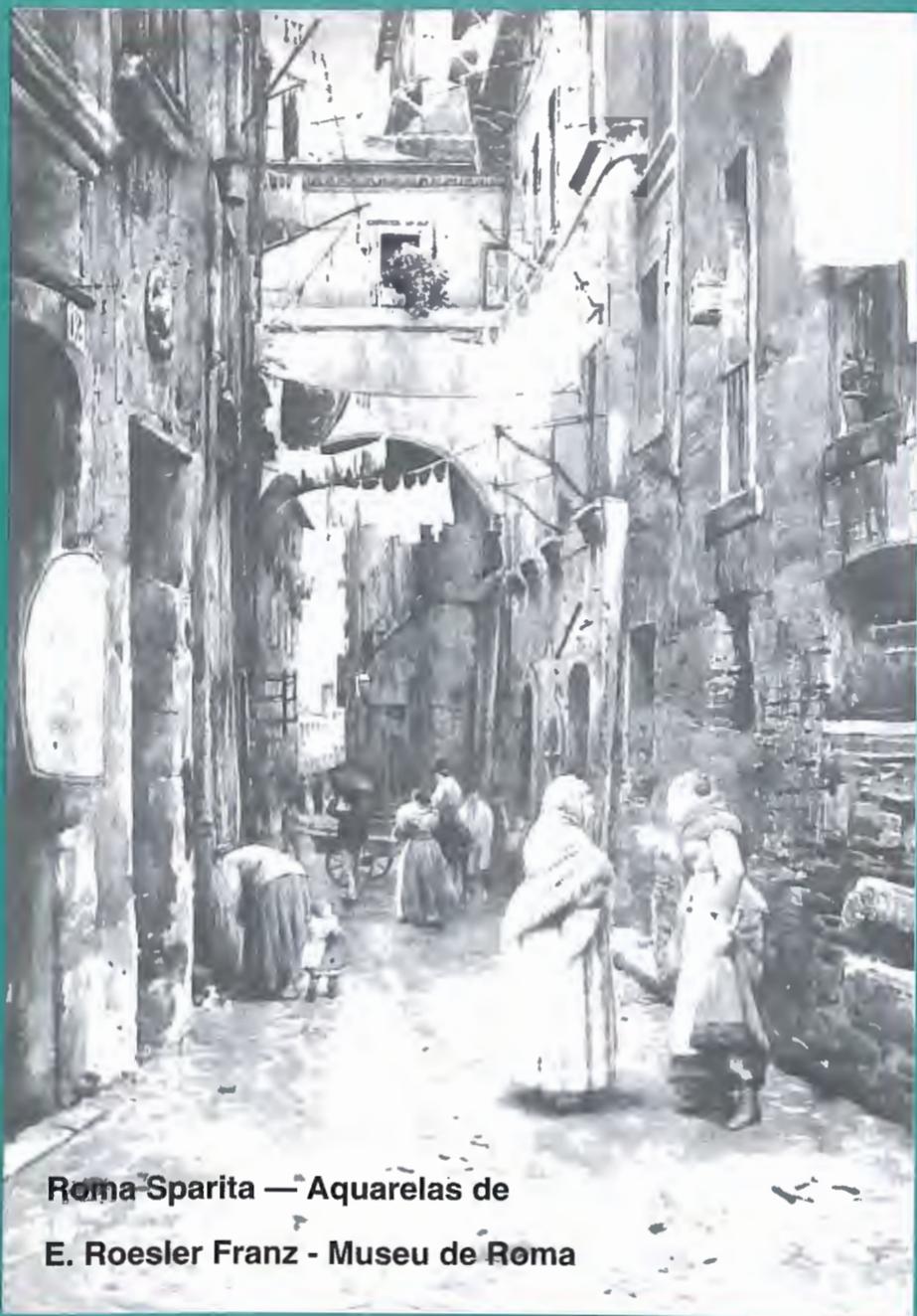
*Uma orquestra, por exemplo, foi formada a partir de um clic. Há ali uma interação mútua muito perfeita, muito bela, muito nobre.*

*Há um movimento. Esse movimento  
estava dormiente em cada ser.*

*A partir do clic, passou a haver uma  
espécie de circulação de harmonia.*



Na Itália



**Roma Sparita — Aquarelas de**

**E. Roesler Franz - Museu de Roma**

## A sociedade orgânica\*

**E**ssa união pode chegar ao ponto de se constituir um ambiente onde cada alma seja como que a metade da outra.

*Num ambiente assim, acaba por se formar um todo, com personalidade própria.*

*Pátria, quando é de estatura humana, de tamanho humano, é esse todo. É a terra do Pater, por isso se chama Pátria.*

*A família deveria ser um todo desse gênero, formado na mesma piedade, nas mesmas devoções, e constituindo o que eu chamaria de alma coletiva<sup>12</sup>.*

*Uma sociedade é um tecido de almas com interações umas sobre as outras, do todo sobre cada uma e de cada uma sobre o todo.*

*Nessa atmosfera todos podem expandir-se inteiramente e ninguém invade o terreno do outro.*

*O resultado é que se torna possível a sociedade orgânica\*. Ela é a sociedade na qual todas as expansões não ocupam espaço vital de terceiros e são benfazejas umas às outras<sup>13</sup>.*

*Pelo contrário, uma sociedade não orgânica\* assemelha-se a uma floresta onde as árvores só poderiam crescer de maneira que umas batessem com os ramos nos ramos das outras.*

*Tal crescimento seria, de um lado, a lei da vida. Mas, de outro lado, a lei do caos.*

*Seria preciso repressão contínua. Seria uma "floresta de pesadelo".*

*Mas quando as árvores estão nutridas por um princípio vital, pelo qual elas se expandem sem se tocarem, sem invadirem reciprocamente o*

*espaço vital, aí temos a floresta que se pode desenvolver livremente.*

**Realmente, não é possível  
alcançar uma sociedade orgânica\*  
a não ser “in caritate Christi”.**

*Há um exemplo que acho muito bonito: os Setenta, no farol de Alexandria<sup>14</sup>. Para mim, é das coisas mais belas que há. Setenta sábios num farol, estudando juntos os documentos sagrados! Acho uma coisa maravilhosa. De uma poesia única!*

*Assim era o antigo ambiente de família. Quando na família aparecia um, às vezes até de um ramo muito secundário, que se destacava muito, era uma alegria geral. Mas por quê? Porque a família, que era uma espécie de princípio vital, tinha manifestado sua fecundidade, florescendo naquele de modo especial. Era uma razão de alegria para todos, e não de inveja.*



*A "música das almas":*

*A visita*

*Franz von Defregger*

*Se aparecia uma mocinha que cantava magnificamente e eclipsava as outras, todas ficavam alegres: "Já viu Fulana como está cantando bem? Convide-a para sua casa". Era o natural.*

*Mas, sem este sentimento, a pessoa fica incapaz de saborear aquilo a que tem direito e aquilo que se lhe dá por caridade.*

*Resultado: não é capaz de valorizar o que lhe é dado.*

*Notem a orfandade que se dá quando essa luz se apaga para uma pessoa.*

*Os revolucionários\* tratam de enfeitar, de estufar, de arranjar o quanto podem a vida, mas ela é inaceitável.*

*Só a vida de que falei é digna de ser vivida.*

## O diferente-parecido

*Uma nação poderia ser comparada a uma fruta-do-conde, que tem aqueles carocinhos, cada um dos quais com uma certa como que personalidade, e uma determinada autonomia dentro da polpa.*

*Quando se consideram os caroços da fruta-do-conde, tem-se a idéia de que há uma espécie de vida comum a todos eles. E de que, por sua vez, cada caroço tem uma vida individual própria, distinta da vida comum.*

*Cada carocinho, a seu modo — é até muito bonito isso, na fruta-do-conde — é muito diferente do outro, mas ao mesmo tempo muito parecido. E esse diferente-parecido forma uma unidade diferenciada, que é propriamente a autonomia<sup>15</sup>.*

*Toda nação é uma espécie de fruta-do-conde de riquíssimo conteúdo.*

*Vida artística, vida militar, vida afetiva, etc., formam “carocinhos”, formam instituições, unidades imersas na grande unidade geral.*

*Se pudéssemos fazer o inventário dos “caroços de fruta-do-conde” que existem numa nação, aí poderíamos compreender o que ela é.*

*Mais sutil é a relação dos ramos dentro de uma mesma família: a família, em última análise, é uma federação de ramos.*

*Em tudo isto há graus de inserção e de plenitude, graus e modalidades de colaboração, que são únicos.*

*Deus, ao fazer esse conjunto, deu uma aula de metafísica\* que nos ensina algo sobre Ele.*



Inglês



*The "Local"*  
*Troca de pontos-de-vista*  
*bebendo cerveja em um "pub"*  
*(Wilfrid Rolfe)*

## Organicidade\* e espontaneidade

**A** *organicidade\** consiste em agir de acordo com a retidão de sua natureza, e não em seguir qualquer impulso da mesma.

*A condição humana exige que os homens convivam entre si, ainda que a natureza, nos seus defeitos, coloque obstáculos a esse relacionamento. E para evitar que esse convívio se transforme num inferno, ele deve ser feito de acordo com a reta natureza.*

*É da natureza educada, dominada, adaptada que nasce naturalmente a perfeição do convívio humano.*

*A organicidade\* é o mesmo que espontaneidade? Em alguns pontos é: quando a espontaneidade no homem é boa e normal. Não o é quando a espontaneidade é má, quando precisa ser retificada.*

*A organicidade\* comporta uma certa pressão, consultando em tudo a natureza, até mesmo quando esta é defeituosa, e chegando ao ponto normal dela.*

*Uma comparação. Imagine-se um homem que tenha um pé torto. Nasceu com o pé anatomicamente mal construído. Esse pé tende, por sua natureza, a não permitir uma boa locomoção.*

*Mas, por outro lado, tem muitas coisas boas: boa musculatura, boa força, etc. Seria errado esse homem dizer: “O bem do meu pé está na espontaneidade. Portanto, continuarei mancando, e não usarei nenhum aparelho”. Agindo assim ele deforma o pé, agrava seu estado, e dentro de algum tempo poderá deixar de andar.*

*O certo é ir a um ortopedista, que indica um aparelho, um sapato, uma coisa qualquer, por onde ele é obrigado a aplicar o pé num certo modo.*

*Assim ele conserva o pé, que lhe presta os melhores serviços. E pode ser que, ao cabo de algum tempo, o pé esteja curado.*

A ORGANICIDADE\* NÃO É  
A ESPONTANEIDADE INTEIRA.  
MAS É TODA QUOTA POSSÍVEL  
DE ESPONTANEIDADE, SOMADA  
A TODA QUOTA NECESSÁRIA  
DE ORDENAÇÃO, ÀS VEZES  
DOLORIDA, PEDIDA PELA  
PRÓPRIA NATUREZA.

*O jorrar originário do instinto de sociabilidade, com esta riqueza e com esta ordenação, é o ponto de partida da sociedade orgânica\*.*

## O carrilhão das almas

**N**ão existem almas independentes.

*A sociedade humana está formada de muitos conjuntos ao modo de carrilhões.*

*Um carrilhão tem o sino-mor, chamado em francês bourdon. Ele dá o tom para os demais. Os sinos menores se movem por causa do impulso inicial dado pelo bourdon, e em acorde com ele.*

*Os sinos secundários fazem sentir o acento do primeiro som dado. Eles ecoam aspectos do tom inicial dado pelo bourdon, e nisto encontram seu próprio tom. Um sino menor que quisesse tocar por conta própria não encontraria seu próprio tom, e destoariria do conjunto de seu carrilhão. Seria um sino fracassado.*

*Nem sempre as almas-bourdon são as autoridades. Frequentemente, por sua*

*santidade e capacidade de influenciar os outros, as almas-bourdon de uma família, uma aldeia ou uma região são pessoas comuns, sem nenhum cargo público. Mas são pessoas que, na era histórica em que viveram, compreenderam melhor o modelo que a Providência queria para essa família, aldeia ou região, e souberam influenciar seus próximos nessa direção.*

*Sem ter autoridade civil ou eclesiástica, elas são o eixo em torno do qual giram ou deveriam girar as outras almas.*

*A sanidade de uma sociedade se mede, não por sua riqueza material, mas pelo grau de perfeição com que as almas-bourdon estão cumprindo sua missão.*

*Isto dá uma visão da História que é de toute beauté <sup>16</sup>. Por exemplo, quais foram as almas-bourdon que tornaram possível o florescimento da Idade Média? Quais aquelas em torno das*

*quais se coagulou o sentimento da cavalaria? Como foi a fidelidade do povo a elas?*

*De outro lado, quais foram as almas-bourdon que, infiéis à sua missão, não deram o tom devido e deixaram a Idade Média descambar?*

*Ou então, quais foram as almas dentro do povo que não soaram em acorde com sua respectiva alma-bourdon, deixando que o som dela se perdesse inutilmente, e quebrando assim o dinamismo da sociedade rumo à perfeição?*

*Aqui entramos num terreno tenebroso. É a história da defecção de almas-bourdon, cuja apostasia arrasta atrás de si toda uma área da Cristandade.*

*Mas, por outro lado, tocamos na luminosa história das almas-bourdon cuja fidelidade levou atrás de si a fidelidade de uma aldeia, de uma ordem religiosa, de um país, de uma era histórica...*

## A paz sinfônica

**S**egundo a definição clássica de Santo Agostinho, "a paz é a tranqüilidade da ordem"<sup>17</sup>.

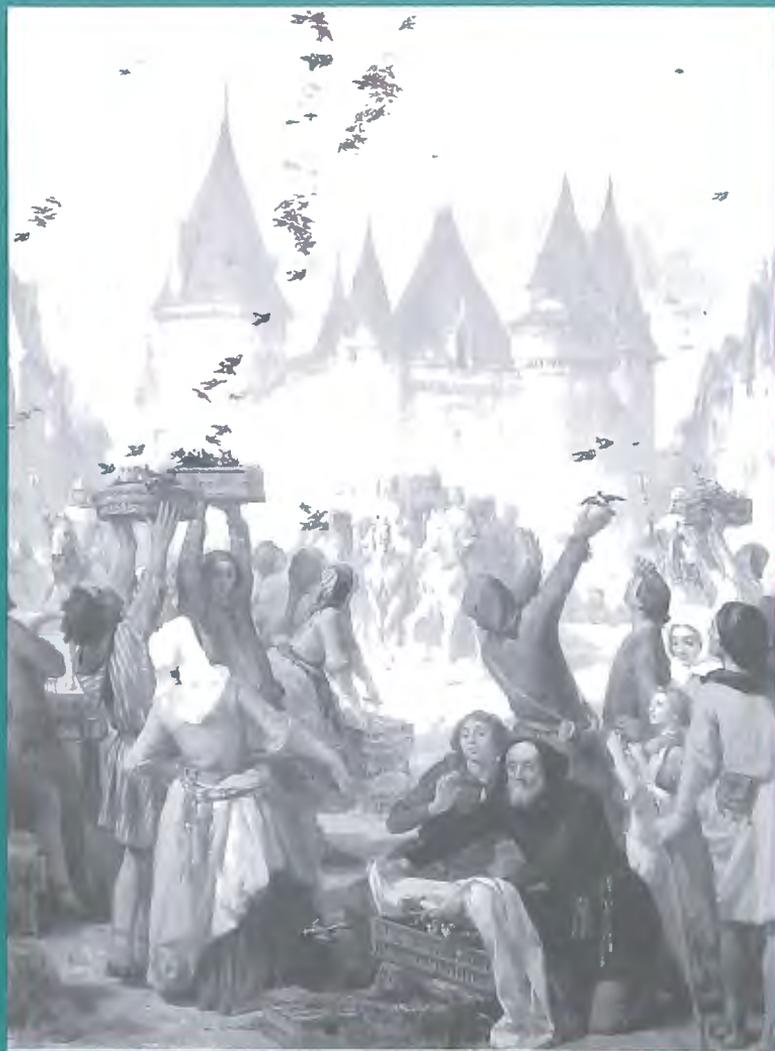
*Tranqüilidade não deve aqui ser entendida apenas em grau mínimo, isto é, a ausência de agitação, mas como algo de eufórico e sinfônico, que tem como resultado o bem-estar.*

*Em certo tipo de floresta européia a tranqüilidade da ordem se desata numa espécie de "música", tal a harmonia existente. A cidade de Rothenburg<sup>18</sup> e o Prater<sup>19</sup>, em Viena, eram eminentemente assim.*

*O ambiente de paz, enquanto considerada como situação meramente negativa, parece insosso e insuficiente.*

*No primeiro momento, a libertação da agitação traz o bem-estar da tranqüilidade.*

Franceses



*Acompanhado de sua mãe,  
Branca de Castela, São Luis IX avança  
rumo à Catedral de Notre-Dame*

*Prolongando-se, essa tranquilidade deve se desatar numa euforia. Mas numa euforia calma. Sem a aflição de chegar à ponta de si mesma.*

*No Céu o homem terá uma paz "sinfônica" perfeita.*

*Tudo isso supõe a eliminação de algo que é um dos maiores fatores de agitação: o amor-próprio. É um fator de agitação insuportável.*

O PRINCIPAL ASPECTO QUE  
SE DEVE VER NO PRÓXIMO,  
É O SÍMBOLO DE DEUS. É  
POR ISSO QUE O AMOR  
AO PRÓXIMO LEVA AO  
AMOR DE DEUS.

*O Grand-Retour<sup>20</sup> é nossa volta à  
apetência, ao desejo e à compreensão  
dessa "sinfonia" da perpétua mútua  
compreensão, que é um dos elementos  
da felicidade do Céu.*



*Pierre Mignard*  
*Maria Antonietta em seu quarto*  
*em Versailles, 1775*  
*Galeria Sabauda, Turim*

## Ao som de Boccherini ...

**O** minueto de Boccherini <sup>21</sup>— que para mim é o supra-sumo do minueto — tem qualquer coisa de uma revista. Nem um pouco de uma revista de tropa. Mas de uma revista.

*Para entendê-lo, devemos imaginar uma sala de corte, talvez a Galeria dos Espelhos<sup>22</sup>, o rei e a rainha em seus tronos, os príncipes e as princesas da Casa Real em poltronas, os duques e pares sucessivamente em poltronas, banquetas e arquibancadas, com pessoas da nobreza ou da alta burguesia de Paris.*

*Entram os pares dançando e fazendo reverências uns para os outros.*

*Quando passam diante do rei, uma profunda reverência, e depois voltam, deixando o lugar para outros.*

*O rei, no seu trono, olhando firme, e sorrindo quando termina a reverência.*

**Que tanta gentileza  
contenha tanta majestade,  
e tanta majestade contenha  
tanta gentileza, aqui está  
o equilíbrio.**

*Era a corte celebrando um ato, se quiserem, lúdico.*

*Nele, as pessoas eram passadas em revista em seu charme, em seu esplendor, em sua maior graça, em sua maior beleza, para a corte ter a fisionomia de si mesma e deleitar-se pelo fato de ser o que era.*

*A reciprocidade dos cumprimentos se multiplica com grande harmonia pela sala, mostrando a suavidade das relações sociais. Uma suavidade hierárquica, porque harmonia quer dizer hierarquia.*



Que tanta gentileza  
contenha tanta majestade, e  
tanta majestade contenha tanta gentileza,  
aqui está o equilíbrio.

*Ao mesmo tempo, vê-se a elegância dos gestos, a perfeição das atitudes, a beleza dos trajés, o esplendor das jóias, a nobreza das expressões fisionômicas, dos sorrisos.*

*É um pouco como um exército, que precisa organizar uma grande revista para ver-se a si próprio. E o ver-se a si próprio, não como um homem faceiro — e sobretudo uma mulher faceira — olha no espelho para envaidecer-se, mas para conhecer a própria face, para ver as perfeições que Deus pôs.*

*Trata-se de tomar consciência de si mesmo, em alto grau. O ato, no fundo, tem sentido religioso.*

*No tempo do minueto havia muita solenidade, mas ela era compensada pelo fato de haver muita graça, muito charme.*



Que tanta gentileza  
contenha tanta majestade,  
e tanta majestade contenha tanta gentileza,  
aqui está o equilíbrio.

*O minueto perfeito deveria reunir o esplendor de uma verdadeira cerimônia de corte com a graça de uma intimidade, de uma afabilidade, de um sorriso, de uma concepção amena da vida, que fosse o contrapeso do grande esplendor atingido.*

*Via-se então a coexistência de uma grande seriedade com o sorriso. Mas um sorriso profundamente sério<sup>24</sup>.*

*Era um sorriso de quem sabe quem é, e que do alto daquilo que é, por gentileza e bondade, sorri, como quem diz:*

—“*Eu sou tudo isto, e é tudo isto que sorri para você*”.

*Não era, portanto, o sorriso do peralvilho que anda pela rua — eu escolho a palavra porque ela diz bem o que quero.*



Que tanta gentileza  
contenha tanta majestade, e  
tanta majestade contenha tanta gentileza,  
aqui está o equilíbrio.

*De onde o minueto, assim entendido,  
ser a música do respeito.*

*O respeito está na grandeza, e depois,  
do mesmo modo, no afeto, no cari-  
nho, no sorriso. Percorre de ponta a  
ponta a gama dos possíveis sentimen-  
tos humanos. Isto faz do minueto  
uma obra-prima.*

*Aqui está uma interpretação da har-  
monia da cultura daquele tempo,*

*toda feita de alta distinção e grande  
suavidade.*

Que tanta gentileza  
contenha tanta majestade,  
e tanta majestade contenha tanta gentileza,  
aqui está o equilíbrio.



## A grandiosa partitura

*O homem gosta das coisas, ou porque se parecem com ele e o tonificam; ou porque são diferentes dele. Essa diferença deve ser harmônica e o completar.*

*O conjunto de todos os homens criados e a serem criados desde o começo até o fim do mundo, tendo por ápice o Verbo Encarnado e logo abaixo Nossa Senhora, forma um conjunto musical que nos dá uma idéia do que será a harmonia do gênero humano no Céu.*

*A música é uma ordem de notas. O Universo é uma música de realidades.*

*O que a Idade Média teve de mais bonito era essa harmonia profunda dos homens, que os quadros de Fra Angélico reproduziram bem.*

*A finalidade das criaturas e do universo é Deus. E Deus é alcançável pela transparência da semelhança com Ele.*

*Se todos nesta Terra andassem bem, quando o mundo tivesse terminado a História seria uma partitura grandiosa, cantada pela natureza humana em louvor de Deus.*

*Deus baixaria, não para castigar, mas para premiar os músicos que tocaram esta partitura; ressuscitá-los-ia e os levaria para o Céu<sup>25</sup>.*



# NOTAS

1. Nota-se aqui, como em outras passagens desta obra, a preocupação do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira de marcar sua distância em relação a qualquer forma de imanentismo ou panteísmo. Para usar a comparação do ilustre líder católico, quanto mais o sol for sol, e a planta for planta, maior a complementação. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira afirma aqui uma verdade que vai na contra-mão de certa tendência moderna, segundo a qual, para haver união, é necessário anular ou achatar as diferenças entre as pessoas. Pelo contrário, o fato de ser típico, de ter forte personalidade, de ser saudavelmente diferente, é fator que, de si, reforça a união, pois enseja a complementação entre as pessoas.

2. *“Todo homem, participante da Humanidade, participa, pois, por natureza ao mesmo tempo da ciência e da arte das proporções musicais, poéticas, verbais”* (De Bruyne, “L'esthétique du Moyen Age, p. 184).

3. *“A música (...) nada faz senão traduzir e prolongar a harmonia psíquica e fisiológica do homem”* (Ibid. p. 64).

4. Referência ao conhecidíssimo romance de Daniel Defoe (1719), do qual Robinson Crusoe é ao mesmo tempo o título e o principal personagem. Trata-se da narração das aventuras de um homem que, atirado a uma ilha deserta, encontra entretanto meios de se bastar a si próprio e mesmo de criar um bem-estar relativo. Sobretudo depois de encontrar o índio Sexta-Feira, que se transforma em uma espécie de servidor, admirador e discípulo.

5. *Para que eleveis nossas mentes aos desejos celestes, nós Vos rogamos, ouvi-nos* (da Ladainha das Rogações).

6. Mt. XVIII, 20.

7. Cf. I Re. XVIII, 1, XX, 17.

8. Do francês. Tratado com cuidado, com esmero.

9. Estes quatro últimos parágrafos foram extraídos do testamento deixado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

10. Ver a respeito Pe. Ramière S.J., “El Reino de Jesucristo en la Historia”, mimeografado, p. 38.

11. Coleção: segundo a concepção do ilustre líder católico, toda a Criação forma uma coleção destinada a refletir as infinitas perfeições de Deus.

12. Ver a respeito “O Universo é uma Catedral”, pp. 87 ss.

13. Pio XII em sua Radiomensagem de Natal de 1944 opõe a sociedade orgânica à sociedade mecanicista de nossos dias. Afirma ele: “*O Estado não contém em si e não reúne mecanicamente em um dado território uma aglomeração amorfa de indivíduos. Ele é, e na realidade deve ser, a unidade orgânica e organizadora de um verdadeiro povo*”.

14. “*Dentre as inúmeras versões que a Sagrada Escritura teve no séculos destacam-se — por sua antiguidade e autoridade — a tradução grega do Velho Testamento, cognominada alexandrina devido à localidade na qual se acredita tenha tido origem, e a dos Setenta pelo suposto número dos tradutores. Essa Versão — feita entre os anos de 250-130 a. C. — gozou desde o princípio de grande autoridade: foi usada pelos escritores do Novo Testamento, adotada pela Igreja primitiva, e diversos Santos Padres dos primeiros séculos consideraram-na inspirada*” (Pe. Matos Soares, “*Bíblia Sagrada*”, Prólogo). Santo Agostinho, em *A Cidade de Deus* (XVIII, 42), narra com pormenores a história dessa extraordinária tradução, e registra: “*A Tradição conta ter havido entre seus textos [dos setenta tradutores] uma concordância tão maravilhosa, espantosa e verdadeiramente divina, que, embora cada qual tenha trabalhado separadamente, os textos não apresentaram ao final nenhuma diferença de palavras .... como se tivesse havido apenas um único tradutor*”.

15. Essas comparações simples e altamente esclarecedoras eram muito características do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, e brotavam como que espontaneamente, ao sabor da conversa.

16. Da mais esplêndida beleza.

17. *A Cidade de Deus*, XIX, 3.

18. Rothenburg: cidade alemã que ainda preserva o caráter medieval de suas origens.

19. Famoso parque situado nos arredores de Viena.

20. *Grand-Retour*: do francês. Grande retorno. A devoção a Nossa Senhora do Grand Retour teve grande desenvolvimento durante a Segunda Guerra Mundial. O Papa Pio XII endereçou aos peregrinos do Grand-Retour uma expressiva alocução.

21. *Le menuet* ou o minueto é originário de uma dança de aldeões. Apareceu no século XVII e seu nome provém dos passos curtos, apertados, miúdos, que nele predominavam: os menus pas. Dominou completamente os salões e tornou-se a dança predileta da nobreza. Foi executada pela primeira vez na corte, em 1653, pelo próprio Luis XIV — o Rei Sol — que sempre demonstrou grande admiração por essa dança. O ritmo do minueto, sua música e o estilo de seus passos fazem-na graciosa e aristocrática, exigindo do dançarino boa postura, elegância, graça e refinamento. O minueto começou a declinar quando danças menos refinadas invadiram a Europa, em particular a contradança

("country dance") de origem inglesa (cf. "Danças de corte", por Maria Amália Corrêa Giffoni, São Paulo, 1977). — O compositor italiano Luigi Boccherini viveu entre 1740 e 1805, e passou boa parte de sua vida na Espanha.

23. Palácio de Versailles (França). É interessante, a esse propósito, conhecer as luminosas teses do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira contidas em "Nobreza e elites tradicionais análogas", obra que recebeu os elogios de quatro Cardeais e foi traduzida para o francês, o inglês, o italiano e o espanhol. Três edições em português pela Livraria Civilização - Editora (Porto, Portugal), com ampla circulação no Brasil.

24. Este tópico faz lembrar a frase de Chateaubriand: "Quanto mais sério o rosto, mais belo o sorriso" ("La vie da Rancé", Livro XIV, cap. X).

25. Os diversos tópicos que compõem este panorama (em negrito) foram extraídos das seguintes fontes: **Despertando para a vida**, "Considerações sobre a mútua sustentação", sem data; **Cada homem é único**, "Considerações sobre a mútua sustentação", sem data; **Um mosaico**, 10-5-84; **Cada homem é como a matriz de uma música**, conferência sobre o Vitorinismo, sem data; **As relações humanas têm muito de sinfonias**, apostila "A sociedade orgânica"; **Robinson precisava de "Sexta-Feira"**, "Considerações sobre a mútua sustentação"; **A cortesia, afinação das relações humanas**, 29-6-74; **A conversa**, Circular aos propagandistas de Catolicismo - Ano VII, N<sup>os</sup> 3 e 4, reuniões de 6/3/1970, 10/5/74, 5/5/79, 19/4/85, 14/2/87, 21/2/87, 22/7/89, 5/8/89, 16/10/91, 29/8/94; **O deleite da boa conversa**, id. ao anterior; **Harmonizando os instrumentos**, idem; **O melhor calmante**, idem; **A amizade**, 17-2-93; **Como os pares de Carlos Magno**, "Considerações sobre a mútua sustentação", sem data; **O amor conjugal**, "Catolicismo", nº 10, outubro de 1951; **O amor materno, sublimidade do gênero humano**, "Folha de S. Paulo", 18-12-96, Testamento do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira; conversa gravada de 17-4-94, "Catolicismo", dezembro de 95, ; **Almas-planeta, almas-satélite**, 29-5-65; **A alegria de ser pequeno e a de mandar**, "Considerações sobre os pressupostos do convívio harmonioso e da união de almas no ambiente contra-revolucionário", sem data; **O "clic"**, "Considerações sobre a mútua sustentação", sem data; **A sociedade orgânica** apostila "A sociedade orgânica"; **O diferente-parecido**, 17-3-94 e 23-2-94; **Organicidade e espontaneidade**, apostila "A sociedade orgânica"; **O carrilhão das almas**, 31-7-89; **A paz sinfônica**, apostila "A sociedade orgânica"; **Ao som de Boccherini** ..., Sem data, cf. leitura feita em 24-9-96. O **Epílogo** foi extraído de conferência proferida em 23-12-78.

# Epílogo



Olhares...

*Como seria bonito se houvesse material para fazer uma história, não da humanidade, mas de um capítulo especial da história da humanidade: a história dos olhares!*

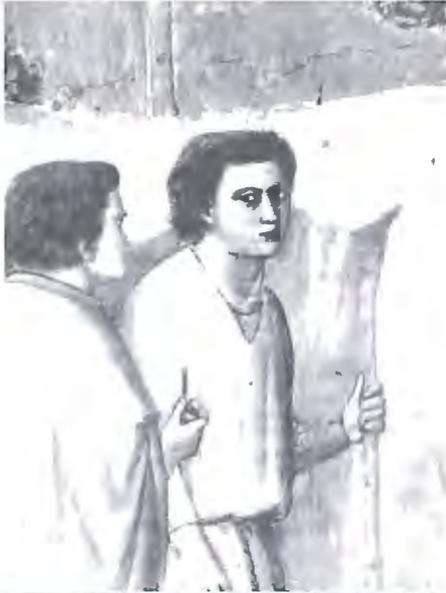


*Titiano, detalhe de O Juro — ABAIXO: Van der Weyden, A Anunciação, detalhe*

*Dos olhares magníficos,  
dos olhares esplendorosos,  
dos olhares suaves,  
dos olhares doces,  
dos olhares tristes,  
dos olhares*

*de esperança,  
dos olhares de perplexidade,  
dos olhares de indignação,  
dos olhares de ordenação e de planejamento,*





Giotto, detalhe de O retiro de São Joaquim  
— Na página ao lado: Giotto, detalhe de A  
apresentação de Jesus no Templo

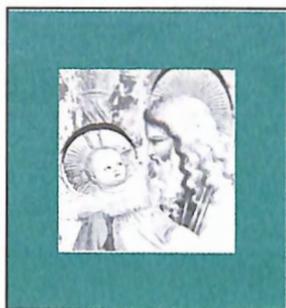
*dos olhares de  
imprecação  
e de  
castigo.*

*Na noite  
de Natal  
aconteceu  
aquele  
momento  
bendito  
em que se  
abriram  
para a  
vida e*

*para o mundo aqueles olhos divinos  
que fazem emudecer todas as línguas.*

*Vamos imaginar aquela gruta como  
se fosse enorme, alta, grande, quase  
uma catedral, que não tivesse eviden-  
temente uma arquitetura definida,  
mas onde o movimento das pedras  
fizesse pressentir vagamente as ogivas  
de uma catedral como existiriam na  
futura Idade Média.*

*Podemos imaginar  
a lapa onde ficava  
o berço do Menino  
Jesus, colocada  
num ponto majes-  
toso da encruzilha-  
da destas várias*



*naves laterais naturais, e que uma  
luz celeste, toda de ouro, pairasse  
sobre Ele naquele momento.*

*Ele estava ali, com majestade de  
verdadeiro rei, embora deitado em  
seu presépio e sendo ainda uma  
criança; Ele, rei de toda majestade e  
de toda glória.*

*Imaginemo-nos aproximando-nos  
dEle, e Ele abrindo os olhos, e no  
olhar aparecendo o seu lado de Rei.*

*No olhar aparecendo um fulgor de  
tal profundidade, que sentíssemos  
nEle um grande sábio; rodeando-O,  
uma atmosfera tal, que nimbasse de  
santidade todos aqueles que dEle se  
acercassem.*

*Uma atmosfera de pureza tal, que as pessoas não se aproximassem dali sem antes pedir perdão por seus pecados,*

*mas, ao mesmo tempo, se sentissem atraídas a se corrigir deles pela santidade que emanava do local.*

*Imaginemos ali, ainda, Nossa Senhora aos pés do Menino Jesus, também Ela como verdadeira Rainha, majestosíssima, transcendente, puríssima, rezando.*

*Anjos invisíveis cantando em volta canções de glorificação e toda a atmosfera reinante saturada de valores tais, que dir-se-ia haver naquela pobreza e naquela miséria uma atmosfera de corte.*

*Provavelmente, todas as perfeições da ordem do Universo estão contidas no olhar de Nosso Senhor Jesus Cristo, de maneira que Ele tem estados de alma que correspondem a todas as belezas da criação.*

*No centro de todas as cores, de todas as belezas, existe a face adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo; no centro da face adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo, existe o olhar dele, requinte e compêndio de toda a face.*

*Nosso Senhor conversa com quem imerge no olhar dele, límpido, afável, sereno, aveludado quase, mas no fundo com uma retidão, uma firmeza e uma força que encham a pessoa ao mesmo tempo de encanto e de confiança.*



*Olhar muitíssimo perceptivo, porém não à maneira de uma ponta que perfura a realidade e vê o que ela tem, mas é quase um olhar radiográfico que, sem dilacerar nada, penetra no fundo de tudo, revela e manifesta tudo, respeitando tudo.*

*No conjunto dos olhares dEle estão refletidos os princípios da lógica, as regras da estética e a ordem do universo.*

*Estão simbolizados o pulchrum\* e o significado interno de tudo quanto existe. É um olhar que contém tudo, é a melhor idéia que se possa fazer nesta Terra da visão beatífica.*

*Pois então este Rei, tão cheio de majestade, em certo momento abre para nós os olhos.*

*Notamos seu olhar puríssimo, inteligentíssimo, lucidíssimo. Ele penetra em nossos olhos até o mais fundo.*

*Vê o mais fundo de nossos defeitos,  
mas também o melhor de nossas  
qualidades.*

*E toca neste momento a nossa alma,  
como tocou, 33 anos depois, a São  
Pedro.*

*Quando o pecador menos espera, por  
um rogo amável de Nossa Senhora,  
Ele sorri.*

*E com este sorriso, apesar de toda  
Sua majestade, sentimos as distân-  
cias desaparecerem, o perdão invadir  
nossa alma, uma qualquer coisa  
nos atrair.*

*E, assim atraídos, caminhamos para  
junto dEle. Afetuosamente nos abraça  
e pronuncia nosso nome, dizendo:*

*— Eu te quis tanto e te quero tanto!  
Desejo para ti tantas coisas e perdoo-  
te tantas outras!*

*Não pensa mais nos teus pecados!*



Pensa apenas, daqui por diante,  
em servir-me.

E em todas as ocasiões de tua  
vida, quando tiverdes alguma

dúvida, lembra-te dessa condescendência, dessa amabilidade, desse beneplácito que agora tenho para contigo, e recorre a Mim por meio de Minha Mãe, por meio dos mediadores que estabeleci entre ti e Mim, que atender-te-ei.

Serei teu amparo, tua força, e estas graças hão de te levar ao Céu para ali reinar a Meu lado por toda a Eternidade.



— *Senhor, não sou digno que olheis para mim, mais dai-me um olhar, consenti em imergir o Vosso olhar no meu, e minha alma será salva.*



**E** U VENHO TÃO DO ALTO  
*e tudo posso. Em mim  
reside o reflexo perfeito da  
bondade incriada e absoluta.*

*Aquilo que eu quero doar porque sou  
boa; aquilo que desejo conceder por-  
que sou Mãe; aquilo que posso dar  
porque sou Rainha, isso, meu filho,  
eu dou.*



*Eu não te digo  
uma palavra,  
mas faço algo  
muito melhor do  
que falar a teus  
ouvidos; eu te  
comunico uma  
graça que mur-  
mura no fundo  
de tua alma.*

*Sentes essa paz  
que transborda  
de meu Coração,  
que te penetra e*

*te cumula? Essa paz  
que nenhuma alegria  
terrena pode trazer?  
E que te faz sentir  
uma tranqüilidade  
interna, na qual  
ressoa a minha voz,  
inaudível a teus  
ouvidos: Tudo está  
resolvido. E aquilo  
que não estiver,  
resolver-se-á.*

*Confie em Mim, eu  
acertarei tudo.*

*As aparências  
podem não ser estas.  
Mas, aceite este  
sorriso, perceba esse  
sussurro, contemple  
essa bondade e não  
duvide jamais.*

(autoria do Prof. Plínio  
Corrêa de Oliveira)



## *Caro Leitor*

*Esta obra pode servir de inquérito: o que, a respeito deste conjunto de temas, certamente pouco correntes, pensa o povo brasileiro?*

*Assim sendo, se desejar, responda ao questionário abaixo, e envie as respostas ao compilador da matéria deste volume:*

- 1. Esta obra corresponde ao que esperava?*
- 2. O que mais o atraiu?*
- 3. Considerou sua leitura*
  - a) fácil*
  - b) difícil*
  - c) faz pensar sem fatigar muito*
- 4. Sobre o número de "almas com alma" no mundo de hoje: elas são*
  - a) numerosas*
  - b) poucas*
  - c) raras*
- 5. Julga útil a divulgação destes pensamentos para o grande público? Indica alguém em particular a quem poderiam eles ser de utilidade (nome e endereço)?*
- 6. Outras observações*

Correspondência para:

Leo Daniele

Caixa Postal 53180

CEP: 08201-970 São Paulo - SP

E-mail: leodan@uol.com.br

# GLOSSÁRIO

*Absoluto, senso do absoluto, procura do absoluto:* Em sentido próprio, absoluto é só Deus. Entretanto, existem na criação seres com graus de perfeição muito elevados, e esses seres nos remetem para a idéia de Deus de maneira mais excelente que os demais. A busca de tais perfeições constitui aquilo que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira chama de procura do absoluto. Como dizia São Boaventura, “*o Universo é a escada pela qual ascendemos até o Criador*” (São Boaventura, “Itinerário da Mente para Deus”, cap. I, 2); “*Começemos por contemplar todo este mundo sensível como um espelho através do qual podemos chegar até Deus, o artista soberano*” (id, Cap. I, 9). Os seres criados são o vestígio, a imagem e a semelhança do Criador. Portanto, em todas as coisas, de alguma forma reluz o absoluto. Ter o senso do absoluto é o saber ver em todas as coisas os aspectos que melhor refletem a Deus. Entre outros autores, explicou São Boaventura tal tese, por exemplo no Brevilóquio (Parte II, cap. XII) e no Itinerário da Mente para Deus (Cap. I, 2). “*A criação do mundo é como que um livro, no*

*qual resplandece, representa-se e lê-se a Trindade criadora em três graus de expressão, a saber: como vestígio, como imagem e como semelhança”*

(Breviloquio, II, XII). V. também Santo Tomás de Aquino, “Summa Theologica”, I q. 45 a. 7.

*Arquétipo*: Tipo é o “*modelo ideal reunindo em si os caracteres essenciais de certa espécie de objetos, em seu mais alto grau de perfeição*”. Arquétipo é o “tipo supremo, de que os objetos dos quais temos a experiência não são senão cópias; protótipo, padrão, original, modelo, paradigma” (Paul Foulquié, “Dictionnaire de la Langue Philosophique”, P. U. F., Paris, 1962).

*Consecratio mundi*: A expressão é de Pio XII e designa a sacralização do mundo (cfr. Alocução aos participantes do II Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, 5-10-1957, Documentos Pontifícios, nº 127, Vozes, Petrópolis, p. 18 — Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII, Tipografia Poliglotta Vaticana, vol. XIX, p. 459). Ver, a respeito, de Plínio Corrêa de Oliveira, “A Réplique da Autenticidade”, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 1985, p. 218.

*Contra-Revolução, contra-revolucionário*: V. mais abaixo *Revolução*. Para Corrêa de Oliveira, contra-revolucionário em sentido pleno “*é quem conhece a Revolução, a ordem e a Contra-Revolução em seu espírito, suas doutrinas, seus métodos respectivos; ama a Contra-Revolução e a ordem cristã, odeia a Revolução e a anti-ordem; faz desse amor e desse ódio o eixo em torno do qual gravitam todos os seus ideais, preferências e atividades*” (“Revolução e Contra-Revolução”, II, IV).

*Idealizar*: nesta frase, e em geral no vocabulário do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, significa despir determinada coisa de suas imperfeições, para imaginá-la perfeita, conforme às nossas mais altas aspirações. Essas figuras ideais pairam impalpavelmente sobre a Humanidade, constituindo uma esfera que não existe senão no pensamento: uma *transesfera*.

*Inocência*: O conceito pliniano de inocência vai muitíssimo além da acepção corrente da palavra. Não se trata apenas de não praticar o mal, mas sobretudo de aderir fortemente à harmonia do Verdadeiro, do Bom e do Belo. Inocente é quem não pecou contra aquele estado de espírito primevo de equilíbrio e temperança, e por isso conserva-se aberto a todas as formas de maravilhoso e apetente delas.

*Metafísica*: como substantivo, é a parte da Filosofia que estuda o ser enquanto ser. O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira muitas vezes utilizava o adjetivo *metafísico-a* em seu sentido etimológico, isto é, aquilo que vai além do físico.

*Miserabilismo*: Por miserabilismo se entende aqui a concepção errônea em moda em certos meios, segundo a qual a miséria é um bem, convém viver em condições paupérrimas e toda forma de progresso é um mal. Para o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira o miserabilismo é o contrário da civilização.

*Orgânico (a), organicidade*: Orgânico é o que age à maneira dos órgãos do corpo humano. As entidades que formam a sociedade em seu relacionamento e desempenho devem inspirar-se na sabedoria que rege as relações dos órgãos humanos entre si. *Orgânico* opõe-se a *mecânico*, ou seja, o que funciona ao modo

das máquinas. Pio XII em sua Radiomensagem de Natal de 1944 compara a sociedade orgânica com a sociedade mecanicista de nossos dias. Afirma ele: “*O Estado não contém em si e não reúne mecanicamente em um dado território uma aglomeração amorfa de indivíduos. Ele é, e na realidade deve ser, a unidade orgânica e organizadora de um verdadeiro povo*”. Ver também, mais adiante, *subsidiariedade*.

*Paradisologia*: Estudo de como teria sido o Paraíso terrestre, de que foram expulsos Adão e Eva, e mais acima, como é o mundo angélico e o Paraíso celeste. É nessas culminâncias que se encontra a matriz para uma ordem humana ideal, para a qual a humanidade deve tender dentro das limitações impostas pelo pecado original. Um dos pólos de atração do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, durante toda sua vida, foi a procura da ordem ideal. Muitos dos pensamentos sobre o maravilhoso, a sociedade ideal, a ordem ideal, transcritos nos livros desta coleção, foram extraídos do acervo doutrinário monumental constituído por mais de quarenta anos de reuniões realizadas com esse fim. As anotações delas constituem manancial de riqueza incalculável para o estudo da ordem do Universo considerada em todos os seus aspectos.

*Possível*: Ser possível: aquele que não existe, mas poderia existir. A entidade que constitui para uma coisa o fato de ser possível (Paul Foulquié, “Dictionnaire de la langue philosophique”, P.U.F, Paris, 1962).

*Pulchrum*: Devido a certa banalização da palavra belo em português, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira muitas vezes lhe preferia o termo latino *pulchrum*, que significa a mesma coisa mas carrega outras conotações. Sobre o *pulchrum* em Santo

Tomás, vide Summa Theologica, I, q. 5, a.4; I, q. 39, a. 8; I-IIae, q. 27, a. 1 ad 3. "*O Belo na ordem criada é o esplendor de todos os transcendentais reunidos: do ser, do uno, do verdadeiro e do bom; ou, mais particularmente, é o fulgor de uma harmoniosa unidade de proporção na integridade das partes* (splendor, proportio, integritas - cfr. Santo Tomás de Aquino, Summa Theologica, I, q. 39, a. 8)". Garrigou-Lagrange O.P., Divine Perfezioni, Roma, 1923, p. 337.

*Reino de Maria:* São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) em seu Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem prevê a implantação na Terra de uma era "*em que almas respirarão Maria como o corpo respira o ar*", e em que inúmeras pessoas "*tornar-se-ão cópias vivas de Maria*" (Cap. VI, art. V). A essa era ele chama Reino de Maria. Essa profecia se entronca organicamente com a de Nossa Senhora em Fátima. Com efeito, depois de prever várias calamidades para o mundo, Ela afirmou: "Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará".

*Revolução:* Para o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, Revolução é o processo quatro vezes secular que vem devastando a Civilização Cristã. E a Contra-Revolução consiste no movimento de almas que se opõe a essa derrubada, e visa restaurar a verdadeira ordem. Ver o ensaio "Revolução e Contra-Revolução", do mesmo autor. Quatro edições em português, com tradução e várias edições nas principais línguas vivas.

*Revolucionário:* adepto da Revolução, de forma consciente ou subconsciente.

*Sacral, sacralidade:* na maneira de se exprimir de Corrêa de Oliveira, há uma diferença de matiz entre as

palavras *sagrado* e *sacral*: *sacral* é o *sagrado* posto na ordem temporal ou profana. A *sacralidade* tem uma profunda relação com as desigualdades do Universo e se apóia sobre os seguintes princípios: a) O Universo — mais ainda, toda a ordem do ser — é hierárquico. b) Ele é insondavelmente desigual de um grau para outro, e infinitamente desigual em relação a Deus. c) O mais alto, a um ou outro título, é sempre causa, modelo, mestre e regente do mais baixo. d) A título próprio, só Deus é causa, modelo, mestre e regente das criaturas. Portanto, todas as hierarquias se reportam a Deus, que é infinitamente nobre, sublime e elevado. e) A escala dos seres é uma escala fechada, no sentido que o mais alto, que é Deus, toca no último, no ínfimo. Deus e as ordens superiores estão, a um ou outro título, presentes nas ordens inferiores. Portanto não se trata de uma ordem estraçalhada e descontínua, mas harmônica, que se fecha.

*Senso do ser*: percepção que, em determinado momento, a criança tem de que ela existe, de que as coisas existem. Na concepção pliniana, essa percepção difusa inclui uma extraordinária riqueza (V. *O Universo é uma Catedral*, pp. 216 a 244, 275).

*Subsidiariedade, princípio de*: O Estado e as sociedades maiores não podem ir além de uma função complementar. Não devem fazer aquilo que as sociedades médias podem fazer, e estas, por sua vez, não devem executar o que as sociedades pequenas e as famílias podem realizar. Por outro lado, o Estado e as sociedades maiores devem fazer com presteza tudo aquilo que escape às possibilidades das menores. Este princípio foi ensinado por Pio XI e retomado pelos Papas sucessivos.

*Transesfera*: v. *idealizar*, mais acima.

“**E**stou sozinho dentro de uma multidão”. É assim que muitos têm resumido seu próprio drama, ao se sentirem envolvidos e torturados pelas estridências do mundo moderno, em particular nas grandes cidades. O fato era profundamente deplorado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.



Mas, como deve ser o convívio ideal? É a pergunta que surge espontaneamente.

Incomparável psicólogo e mestre da boa conversa, o ilustre líder católico nos dá a resposta. Arguto conhecedor das psicologias individuais, ele via as relações humanas como uma espécie de música, na qual cada pessoa entrava com seu timbre, suas melodias e sua vitalidade.

Neste volume encontrará o Leitor o que procura, na forma de comentários nascidos da fina observação feita por uma alma com alma e dirigida a pessoas de escol. Pois, como dizia o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, **“por mais bonita que seja a natureza, todas as suas belezas são menos belas do que a alma humana”**.

ISBN 85-7206-814-6



9 788572 060141